

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

Elenilson Silva Ferreira

Kénosis nas Sagradas Escrituras:
uma análise bíblico-teológica da Kénosis

Graduação em Teologia

São Paulo

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Elenilson Silva Ferreira

Kénosis nas Sagradas Escrituras:

uma análise bíblico-teológica da Kénosis

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Teologia
Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como
requisito parcial para obtenção do título de
BACHAREL em Teologia, sob a orientação
do Prof. Pe. Dr. Dayvid da Silva.

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao Deus Uno e Trino no qual vivemos, nos movemos e somos. Também, à Nossa Senhora da Conceição Aparecida, aquela que é Mãe, Mestra e Rainha. Aos meus familiares que tanto amo, eu agradeço imensamente, pelo apoio e as orações e, em especial meus pais, Eliseu Ferreira e Maria Ferreira, ao meu irmão e irmã, Elenildo Ferreira e Géssica Ferreira, que com suas orações, apoio e conselhos colaboraram para esse projeto.

Também sem exceção a todos os amigos e irmãos do Seminário Nossa Senhora Aparecida, e os irmãos do RENASEM. A minha enorme gratidão também aos reitores, Pe. Lidionor Lisboa, Pe. José Wilson, ao meu diretor de pastoral Pe. Wellington Angelino, e ao diretor de estudo de Filosofia André Abreu e o meu diretor de estudo da Teologia Pe. Cesar Rossi, do Seminário Diocesano de Campo Limpo, o meu muito obrigado pelas orientações de grande valia.

A Imensa gratidão a todos os irmãos na fé, de cada comunidade que passei ao longo dos últimos tempos, e os respectivos padres de Pastoral, Pe. Claudionor, Pe. Amauri, Pe. Darci, Pe. José Wilson, Pe. Andrea, Pe. Wellington e em especial ao meu pároco de origem, Pe. Lúcio Alves. Também, aos diáconos Divino, Ângelo, Ageu e José Barbosa. Ao meu diretor espiritual, Pe. Marcos, que com seus conselhos, me ajudou a ser um cristão melhor, e me ensinou a colocar o conhecimento a serviço da humanidade como exercício espiritual. De modo especial, aos meus grandes irmãos de turma Arthur, Danilo e o William, que me ajudaram muito ao longo dessa caminhada, para chegar até aqui e todos os colegas que perseveraram nessa longa caminhada junto comigo.

Aos professores do PUC/SP, aos quais tive a graça de conviver e construir conhecimento agradeço a todos eles.

Ao caríssimo professor Dayvid da Silva, que com tanta paciência e solicitude foi um dos grandes colaboradores dessa etapa. A todo o conselho de formadores de minha Diocese, juntamente com o meu Bispo Dom Luiz Antônio Guedes que nos apascenta e cuida de todo seu rebanho como pastor, com suas orações e incentivos. Por fim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui, a minha imensa gratidão.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo explicar o tema do Esvaziamento de Deus, o que no grego é chamado de Kénosis. Primeiro, explicita o conceito de Kénosis nas Sagradas Escrituras no Antigo Testamento, nas figuras dos Patriarcas e dos Profetas. Em seguida, discorre sobre esse movimento Kenótico no Novo Testamento, em algumas narrativas bíblicas do evangelho e nas Cartas, como Hebreu e Filipenses, quando se utiliza do hino-Cristológico, também conhecido como “hino da kénosis”. Veremos o movimento Kenótico de um Deus que desce das alturas dos céus em um grande ato de doação de si, esvaziando-se de toda sua condição divina, de seus atributos na pessoa do Verbo Encarnado. Revela-se, assim, a ação de Deus, que chega de modo extremo ao vazio que o homem se encontra por consequência do pecado, tornando-se semelhante ao homem, exceto no pecado. Aniquilou-se a si, se fazendo um nada para assumir a condição de servo ou escravo. Por fim, este trabalho aborda o movimento da kénosis no sofrimento humano e na pessoa de Nossa Senhora mãe de Deus e nossa.

Palavras-chave: Esvaziamento; Despojamento; *Kénosis*; Movimento Kenótico; Cruz; sofrimento.

ABSTRACT

This research aims to explain the theme of the Emptying of God, which in Greek is called Kenosis. First, it explains the concept of Kenosis in the Holy Scriptures in the Old Testament, in the figures of the Patriarchs and the Prophets. Then, it discusses this Kenotic movement in the New Testament, in some biblical narratives of the gospel and in the Letters, such as Hebrews and Philippians, when using the Christological hymn, also known as the “hymn of kenosis”. We will see the Kenotic movement of a God who descends from the heights of the heavens in a great act of self-giving, emptying himself of all his divine condition, of his attributes in the person of the Incarnate Word. Thus, the action of God is revealed, which arrives in an extreme way to the emptiness that man finds himself as a consequence of sin, becoming similar to man, except in sin. He annihilated himself, making himself a nothing to assume the condition of servant or slave. Finally, this work addresses the movement of kenosis in human suffering and in the person of Our Lady, mother of God and ours.

Keywords: emptying; bereavement; *Kénosis*; Kenotic Movement; Cross; Suffering.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 - A Kénosis de Deus no Antigo Testamento	8
1.1. Antigo Testamento	9
1.2. Kénosis nos Patriarcas	10
1.3. Kénosis nos Profetas	13
1.4. Considerações finais ao primeiro capítulo.....	16
CAPÍTULO 2 - A Kénosis de Deus no Novo Testamento	18
2.1. A kénosis de Jesus	19
2.2. A kénosis dos discípulos.....	22
2.3. O caminho da kénosis segundo a carta aos filipenses	26
2.4. Considerações finais ao segundo capítulo.....	30
CAPÍTULO 3 - A kénosis de Deus no sofrimento humano, nos Tempos atuais	33
3.1. A kénosis e o sofrimento humano pela via da cruz	34
3.2. O sofrimento humano e a Kénosis	38
3.3. A kénosis de Maria	41
3.4. Considerações finais ao terceiro capítulo.....	45
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo explicar o conceito de esvaziamento de Deus ou, segundo o termo grego, a *kénosis*. Veremos que o esvaziamento de Deus se realiza na ação de descida de Deus em meio aos homens, isto é, Deus vem permanecer durante um certo período no mundo humano, vivendo em meio as suas criaturas e ensinando-as a trilhar um caminho de despojamento, o que é feito saindo de si e indo ao encontro do outro, numa total atitude de entrega e confiança, a exemplo do grande Mestre e Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus.

No primeiro capítulo, trilharemos o caminho do Antigo testamento e veremos a trajetória do esvaziamento ou despojamento de Deus segundo algumas narrativas do Antigo Testamento e nas grandes figuras ou personagens das Sagradas Escrituras, em que Deus se faz próximo de tal modo, que caminha com seus servos e com seu povo escolhido, conforme a abertura de coração dos homens ao Deus misericordioso e amoroso, que se doa sem reservas para tirar toda a humanidade de seus sofrimentos e, ao mesmo tempo, elevando-os a se aproximar também de seu Senhor Libertador e Salvador.

Assim, o homem corresponde a esse movimento em direção a Deus que o chama, fazendo o ser humano assumir sem medo sua missão, ao qual Deus lhe confia, e assumindo com amor verdadeiro. Esse grande processo faz o homem subir ao encontro de Deus, sendo Deus mesmo que o conduz.

No segundo capítulo, abordaremos, nas conhecidas narrativas do Novo Testamento, o processo Kenótico do Verbo Encarnado, assumindo a condição semelhante ao homem, exceto ao pecado. O Filho de Deus, ao fazer esse movimento da *kénosis*, assumi os nossos sofrimentos. Ao final de sua missão, é condenado a morte de cruz e, ao ser elevado na cruz, para a salvação do gênero humano, ele nos transfigura, fazendo-nos adentrar na realidade divina, experimentar de modo definitivo o seu grande mistério de amor e habitarmos, por toda eternidade, no Reino de Deus, isto é, em Deus mesmo e ele, em nós.

Por fim, no terceiro capítulo, será visto que, para realizar essa ação em favor da humanidade, foi necessário a Deus descer no mais fundo da miséria humana, viver seus sofrimentos e as suas dores, assim como aquela que recebe o título de Mãe das Dores. Deus convida-nos, a exemplo de Jesus e a de Mãe Santíssima, a percorrer esse caminho Kenótico, de despojamento, esvaziamento

e com certeza de sofrimento, para chegar à glória de Deus. Portanto, a kénosis é o caminho que nos faz compreender um Deus tão grande, mas que se fez o menor de todos para entender quem ele é como ele age, pois, ele nos amando com amor eterno.

CAPÍTULO 1

A Kénosis de Deus no Antigo Testamento

As Sagradas Escrituras nos apresentam muitos fatos que exprimem verdadeira entrega, desprendimento ou despojamento e doação de si mesmo, tanto da parte de Deus, que por primeiro faz o movimento de descida ao encontro do ser humano para comunicar-se com ele, quanto da parte do próprio homem, que se abonadona ao chamado que Deus lhe faz. Esse movimento do homem, de correspondência a Deus, revela-se na missão que Deus lhe confia, assumida com amor verdadeiro, em um processo que faz o homem subir ao encontro de Deus.

Sendo Deus, se fez servo, e como servo se aproxima do homem e a ele ensina e conduz a um caminho de retorno ao Pai. Por isso, Deus desnuda-se de sua divina glória, esvazia-se e, assim, gera, cria, salva, liberta o homem do pecado e autocomunica-se, fazendo-se presente no outro e nos fatos da história humana, conforme ensina Santos e Xavier:

Deus se despoja de toda a sua divindade para se relacionar com o humano e chega a despojar-se totalmente para ser servo. A kénosis é ação de um Deus totalmente entregue ao outro para se relacionar e se encontrar no outro; um Deus que testemunha e chama a seguir seus exemplos. O humano, em Deus, é chamado a ser kenótico, a entrar em relacionamento com Deus e com o outro. É chamado a se esvaziar para se encontrar no outro. (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 115)

Na verdade, os textos das Sagradas Escrituras ensinam esta relação de Deus com o ser humano, este movimento de si para o outro, que vai em direção à humanidade que tanto precisa de seu auxílio e sua presença diante de sua condição de fragilidade. Além disso, o Catecismo da Igreja Católica ensina que, desde o nascimento até a morte, o homem, de algum modo e mesmo sem perceber, busca encontrar a Deus, o único que pode preencher o seu vazio, saciá-lo e santificá-lo (CIC, n. 2566). Deus é aquele que dá sentido a toda a sua criação, que chama de fato à existência, à vida e gera no coração humano esse desejo de encontrá-lo, de tê-lo e a unir-se num total abandono ao Criador. Ensina o Catecismo da Igreja Católica.

Com a criação, Deus não abandona sua criatura a ela mesma. Não somente lhe dá o ser e a existência, mas também a sustenta a todo instante no ser, dá-lhe o dom de agir e a conduz a seu termo (CIC 301).

Podemos perceber, portanto, que este importante ato de se esvaziar é um gesto fundamental para toda humanidade, justamente porque nos leva à realidade salvífica que se dá por meio de Jesus Cristo. Isso conduz o humano a adentrar na economia da salvação divina, por meio da qual Deus resgata o ser humano para que este possa se unir definitivamente a divino que tanto o ama. Foi exatamente para isto que ele o criou: para estar junto dele.

Nesse sentido, o melhor meio que Deus escolheu para essa união com os seus foi se inclinar em direção ao homem. Por conseguinte, ensinará Santo Afonso Maria de Ligório (1996, p.17), “foi o amor que esqueceu sua dignidade”, justamente para dar dignidade ao seu amor, dar dignidade ao ser humano, e à toda sua belíssima criação. O autor Sampaio, tomando os ensinamentos do renomado teólogo Jürgen Moltmann, conclui da seguinte forma:

Para nosso autor [Moltmann] a kénosis de Jesus é um grande processo de autocomunicação, autodoação de Deus, motivada por sua natureza amorosa, que começa na criação, passa pelas habitações históricas de Deus (shekinah), a encarnação e chega a seu ápice no abandono e morte do crucificado onde este, em comunhão com a vontade de seu Pai, se distancia radicalmente d’Ele para se identificar maximamente não apenas com os sofredores, mas também, com os malfeitores, aqueles que fechados a Deus por conta do pecado se encontram separados de Deus. (SAMPAIO, 2017, p. 53-54.)

Neste capítulo primeiro, serão analisadas algumas passagens bíblicas em que podem ser vistas esse movimento de descida que Deus realiza em favor de toda sua criação. Será constatado que Deus se revela e se doa ao ser humano. Nas passagens do Antigo Testamento, é possível verificar com mais clareza esse movimento de amor que se comunica e se doa sem reservas a todo aquele que o busca e acolhe em si este mistério grandioso que nos apresenta os textos Bíblicos. A tradição veterotestamentária já exprimirá um Deus que se revela tanto na sua criação, como de modo particular na caminhada do ser humano, ou seja, na história da própria ser humanidade criado à sua imagem e semelhança.

1.1. Antigo Testamento

Ao olhar para a figura de Adão e Eva em Éden no livro de Gênesis 1,27, Deus, ao criar e dar vida aos seres, ao homem e mulher feitos à sua semelhança, revela-se e se comunica em sua revelação e, assim, chama o ser humano a

servi-lo e estar com ele. Observa-se aqui uma doação de si para o outro, em que se pode chamar de movimento de esvaziamento, pois Deus descia ao Éden e falava ao ser humano (cf. Gn 3,8-9). Há, pois, nesta perspectiva de relação, a ideia de que Deus, numa imagem antropomórfica, passeava e falava ao ser humano, convidando-o a essa união com o homem, da criatura com o Criador. Desenrola-se, pois, o projeto que até então Deus tinha ordenado a toda sua criação e, de modo particular, ao ser humano feito à sua semelhança. Na Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, ensinará Bento XVI:

Desse modo, a realidade nasce da Palavra, como *criatura verbi*, e tudo é chamado a servir a Palavra. A criação é o lugar se desenvolve toda a história do amor entre Deus e a sua criatura; por conseguinte, o movente de tudo é a Salvação do homem. Contemplando o universo na perspectiva da história da salvação, somos levados a descobrir a posição única e singular que ocupa o homem na criação: “Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; eles os criou homem e mulher” (Gn 1,27). (BENTO XVI, 2010, p. 21.)

Nos grandes personagens do Antigo Testamento, como Abraão, Moisés e até os Profetas, tidos como figuras importantes e considerados servos que Deus enviara como forma de mostrar sua presença em meio ao povo e de que Deus caminha com os seus, é possível notar que a eles também se refere esse mistério de amor de Deus.

1.2. Kénosis nos Patriarcas

Na relação com os patriarcas, Deus se revela como dom que se direciona ao outro, num verdadeiro ato de esvaziamento de si. Porém, esse movimento não se realiza para que Deus se preencha, pois Deus é perfeito em si mesmo, mas no sentido de dar à humanidade tudo que ele pode dar, isto é, a si mesmo, enchendo o ser humano do seu ser, de sua presença divina.

Por isso, Deus estabelece uma Aliança pela qual ensina e prepara seu povo ao longo do caminho a reconhecê-lo como único e verdadeiro Senhor. Por meio dessa Aliança, Deus estabelece uma relação com toda a humanidade, mas havia sido rompida por consequência da desobediência e do pecado cometido. Essa Aliança reposiciona o ser humano, que estava distante de seu Senhor, novamente diante dele, conforme nos apresenta a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV):

No devido tempo, chamou Abraão, para fazer dele um grande povo (cf. Gn 12, 2-3), ao qual, depois dos patriarcas, ele ensinou, por meio de Moisés e dos profetas, a reconhecer em si único Deus vivo e verdadeiro, o Pai providente e juiz justo, e a esperar o Salvador prometido; assim preparou, através dos tempos, o caminho ao Evangelho (DV, n. 3).

Abraão é chamado pelo Senhor a sair de sua terra, a deixar sua pátria e família (cf. Gn 12,1-2), ou seja, o Patriarca é chamado a deixar suas seguranças para receber tudo de Deus. Ao longo de sua caminhada, Deus lhe pede tudo, até seu próprio filho, fruto desse da promessa que Deus fez a ele. Nessa provação de fé e amor que se dirige a Abraão convidando-o a esvaziar-se do que tinha recebido do seu Senhor para devolvê-lo, pode ser compreendido como chamado a deixar-se para se doar àquele que pede ou necessita.

No caso do ser humano, Deus dá o seu *Ruah*, o hálito ou sopro de vida (Gn 2,7) e pede aos homens seu amor de modo incondicional. Além disso, desde o chamado de Abraão para se tornar pai de uma grande nação, até o sacrifício que Deus pede de seu filho Isaac (Gn 22, 1-2), esse convite é para um esvaziamento de si, que leva, neste caso, à amizade e à intimidade com Deus, num total abandono e confiança em seu Senhor. O caminho de fé que Abraão percorre em sua missão nasce a partir de Deus que o chama e com ele caminha. O sair de Abraão é, de fato, um sair ao encontro de Deus, de acordo com Renold Blank:

Na perspectiva da narrativa presente, essa é a consequência do fato de que Deus mostrará a Abraão uma terra que este ainda nem conhece, mas para qual ele deve sair. Uma saída para o desconhecido, mas Deus vai junto. Este é provavelmente o sentido das narrações sobre Abraão. (BLANK, 2013, p. 71).

A presença de Deus no meio do povo atuando em sua história e o formando conforme seu querer, presumindo sempre a liberdade da pessoa humana, é evidenciada também na conhecida figura do servo José do Egito, antes mesmo de todo o relato que nos apresenta a trajetória no livro do Êxodo da libertação e condução dos hebreus a terra prometida.

Na história de José do Egito, descrita em Gn 37-50, é narrada a dificuldade do próprio José em se relacionar com seus irmãos, pois este é vendido como escravo. José conhece a miséria de modo extremo, permitida por seu Deus, para que, no momento oportuno, ele pudesse ser elevado e, com ele, toda sua família e o povo que enfrentava grandes dificuldades de fome na região.

Foi preciso a José se abaixar e conhecer o sofrimento como escravo ou servo, para depois ser elevado a Deus. Este foi o caminho que Deus conduziu seu servo José, atuando nele para se aproximar da aflição primeiro do faraó perturbado por seu sonho, depois com o povo hebreu. José é retirado de seu sofrimento, tornando-se um grande instrumento por meio do qual Deus ajudará seu povo e os tirará da fome que chegaria aquelas regiões do Egito. Conforme o Livro do Êxodo.

O conselho agradou ao Faraó e a todos os seus oficiais e o Faraó disse a seus oficiais: “Encontraremos um homem como este, em que esteja o espírito de Deus?” Então, o Faraó disse a José: “Visto que Deus te fez saber tudo isso, não há ninguém tão inteligente e sábio como tu. Tu serás o administrador do meu palácio e todo o meu povo se conformará às tuas ordens, só no trono te precederei” (Gn 41, 37-40).

Na história do servo Moisés, aquele que assume a tarefa de libertar o povo hebreu do Egito, Deus escuta o clamor de seu povo escolhido e o liberta com braço forte, com mão poderosa. No chamado de Moisés, no episódio da Sarça Ardente, acontece um forte e marcante encontro com o divino, em que Deus se manifesta ao seu servo e dele pede uma missão. Significa dizer que é Deus quem faz um movimento de descida para se relacionar com seu servo escolhido e para realizar a libertação do seu povo, isto é, colocar em prática o seu plano de libertação. Revelando-se a Moisés na Sarça Ardente, Deus diz:

“Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso, desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lagar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus. Agora, o grito dos israelitas chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os israelitas” (Ex 3,7-10).

Deus, portanto, desce e vai em direção ao ser humano, para libertá-lo e dar-lhe uma nova vida. Deus lhe promete subir à terra prometida, para transfigurar a natureza humana segundo o seu coração, para que esta seja plena dele e de seu amor incondicional, que a alcança e a santifica. No Êxodo, Deus retoma o seu projeto primeiro de criação, quando tudo que criou era bom (Gn 1, 31), antes da queda dos primeiros pais, Adão e Eva, que foram expulsos do paraíso por causa de sua desobediência (cf. Gn 3, 23). O ideal de Deus para o ser humano é que este esteja próximo dele e nele possa habitar, pois Deus

perscruta o coração dos que o invocam. Entre a criação e a libertação, percebe-se que o desejo de Deus não muda, é inalterável, continua desejando ao ser humano o paraíso, para onde vão os que trilham o seu caminho.

1.3. Kénosis nos Profetas

Ao longo da caminhada do povo de Israel no Antigo Testamento, surgiram pessoas chamadas de profetas, que são homens de Deus e que assumiram em suas vidas a missão de falar ao povo em nome de Deus. Vê-se, portanto, que é Deus que fala ao seu povo pela boca dos profetas, demonstrando, assim, pela presença dele, que não deixa a humanidade a sós, à mercê dos opressores, mas que está em seu meio, se faz perto ou vai à frente conduzindo-a para junto de si. No Antigo Testamento, os profetas são considerados como mensageiros de Deus. Por isso, Deus envia seus profetas com a missão de fazer o povo compreender seu projeto salvífico de libertação. Confira o que preceitua a Constituição Dogmática *Dei Verbum*:

Deus, no seu grande amor, planejando e preparando com solicitude a salvação de todo gênero humano, escolheu por especial providência um povo a quem confiar as suas promessas. Tendo estabelecidos a aliança com Abraão (cf. Gn 15,18) e com o povo de Israel por meio de Moisés (cf. Ex, 24,8), de tal modo se revelou, com palavras e obras, a esse povo eleito, como único Deus verdadeiro e vivo, que Israel conheceu por experiência os caminhos de Deus a respeito dos homens, os compreendeu cada vez mais profunda e claramente ouvindo o mesmo Deus falar pela boca dos profetas, e os tornou cada vez mais conhecidos entre as nações (cf. Sl 21,28-29; 95,1-3; Is 2,1-4; Jr 3,17) (DV, n. 14).

Nos profetas, é possível compreender que o ato de receber Deus e permanecer junto dele pressupõe um movimento de esvaziamento e ao mesmo tempo de preenchimento, em que o divino se torna humano para o humano se transfigurar em divino. Porém, é na caminhada terrena que acontece o primeiro encontro entre Deus e a humanidade. É neste mundo, e não em outro lugar, que o homem vai encontrar-se com Deus, para que este se transfigure e faça morada naquele, ou seja, “é neste mundo que os laços entre o homem e o verbo são tecidos” (SINGLES, 2010, p. 53). Além disso, há, pois, nessa relação, um que doa a si mesmo e ou outro que se abre a receber a presença divina que se abaixa e vai ao mais fundo e íntimo do ser humano. Quando isso acontece de modo pleno e eficaz, gera no homem uma nova criatura dotada de Deus e um povo

segundo os desígnios de seu criador, criando-se, assim, uma comunhão que nada pode desfazer.

Na missão do grande Profeta Isaías, este servo de Deus fortemente conhecido por sua vocação. O dinamismo de sua missão é marcado por seu encontro pessoal com Deus no Templo em (Is 6), quando recebe o chamado de Deus. É nesse mesmo lugar que ele tem uma visão, ele vê diante dele um trono e sentado neste trono estava o Senhor, na qual ele compreende essa revelação da transcendência de Deus e ao mesmo tempo, a indignidade do homem em relação ao Senhor. Apesar de parecer distante aos olhos do profeta, Deus diminui essa distância se movimento ao encontro do ser humano como fez com o profeta Isaías.

Isaias, tem a ideia de Deus triunfal que é Santo, Forte, Poderoso ou o grande Rei, está será para o profeta o tema central de sua pregação e missão. Diante do chamado e revelação, o profeta humilhou-se frente ao Senhor dos exércitos, o Todo poderoso e Santo, reconhecendo-se diferente e necessitado do auxílio de Deus. Assim, dirá o dicionário bíblico:

Isaias viu Javé, no Templo. Após esta visão tornou-se por excelência o homem de Deus. Seu monoteísmo tem algo de triunfante e de esplêndido. De temível também, pois Javé aparece sobretudo como o santo, o forte, o poderoso, aquele cujo poder é terrível e que castiga sem piedade o pecado do homem. Mas Javé também quer a justiça social e é contra toda injustiça. Quer o direito e a sinceridade. Isaías é então, por isso mesmo, o profeta da fé, da fé absoluta e da confiança em Deus (VINCENT, 1969, p. 271).

Todavia, Deus requer do ser humano que ele próprio seja restaurado e santificado, isto é, retirado do que é profano, do que é mal e daí-lhe a graça de ser participante da justiça de Deus. Portanto, Deus purifica seu servo e esvazia-o de toda impureza ou das coisas que o afasta dele (Is 6, 6-7), fazendo a pessoa humana adentrar na vida de Deus, para fazê-lo participante da vida divina. Torna-o, pois, modelo de santidade e presença de Deus no meio do povo. Assim, o ser humano, então, reflete a santidade de Deus, porque está revestido de sua glória, dada pelo próprio Senhor.

Estando em total harmonia com Deus, abre-se ao homem um novo horizonte em sua vida, pois Deus coloca o ser humano em uma condição um pouco mais elevada, que o permite transcender os horizontes estreitos da própria capacidade humana. O homem passa de uma vida natural para uma relação

sobrenatural, em que Deus o coloca sob sua proteção. Nesse ponto, Deus habita no ser humano e o ser humano habita em Deus. O ser humano perscruta o coração de Deus, sua vontade e, quando está finalmente formado e restaurando, adentra no mistério de Deus. “O homem finalmente formado e renovado conhece a Deus” (AYOUB, 2011, p. 98). Desse modo, a humanidade alcança o que é divino, em um processo em que Deus permite ao ser humano adentrar em seu grande mistério de amor.

Todavia, na tradição veterotestamentária, percebe-se que o ser humano se reconhece no olhar voltado ao movimento de esvaziamento de si para Deus e, ao mesmo tempo, de si para o outro que está ao seu redor. Isso porque essa união com Deus o leva verdadeiramente aos que o rodeiam, aqueles que Deus coloca diante dele para fazer comunhão, pois o ser humano foi criado para se relacionar com um outro.

O homem não tem sentido da existência em si mesmo! Criado por alguém e para alguém, somente em relação com esse bendito e fundamental alguém os filhos de Adão podem encontrar o sentido do seu caminho neste mundo, a paz no coração e, portanto, a verdadeira liberdade! Menos que Deus, menos que uma vida em relação com Ele não sacia realmente o coração humano e não confere sentido à existência! (SOARES, 2020, p. 30).

Além disso, os personagens do Antigo Testamento nos recordam que foram, nesta vida terrena, presença de Deus, verdadeiros homens do sagrado e das coisas divinas. Os patriarcas e profetas foram sustentação para o povo, que, conforme o livro de Êxodo, sempre se afasta de Deus em suas fraquezas, dificuldades e pecados cometidos ou, até mesmo, criando ídolos para cultuar. Em Ex 32,1-6, há o relato do bezerro de ouro construído para ocupar, de fato, lugar de Deus, tirando do povo escolhido o seu bem maior, Aquele que dá sentido à sua existência, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Por causa do povo, Deus adverte, então, a Moisés dizendo:

“Vai, desce, porque o teu povo, que fizeste subir da terra do Egito, perverteu-se. Depressa se desviaram do caminho que eu lhes havia ordenado. Fizeram para si um bezerro de metal fundido, o adoraram, lhe ofereceram sacrifícios e disseram: Este é o teu Deus, ó Israel, que te fez subir do país do Egito” (Ex 32, 7-8).

O grande ato do abaixamento de Deus em direção à humanidade necessitada desta ação divina, transparece intrinsecamente na relação de Deus e seu povo Israel, pois o Senhor atua na história de Israel, conduzindo e

ensinando aquele que seria o povo eleito, escolhido justamente porque se abre a escutar sua voz e seu chamado para uma vivência melhor, buscando se assemelhar a Deus e a viver a santidade que ele lhe oferece.

1.4 Considerações finais ao primeiro capítulo

O modo como Deus se comunica no Antigo Testamento revela, portanto, o seu abaixamento, pois, como nos apresenta o Pentateuco e os profetas, Deus, apesar de ser Todo-Poderoso, santo, imutável e transcendente e o criador de todas as coisas, mostra-se não como distante ou longe do ser humano, mas, ao revés, próximo dele. Com efeito, a ação de Deus ou o seu movimento evidenciado no Antigo Testamento em favor de seu povo é de trazer para perto de si todos os que a ele se abrem à vida nova, que somente o Senhor pode oferecer.

Assim, ao passo que chama e, até mesmo, envia o ser humano em missão, Deus caminha junto dele. Vai sempre à frente conduzido seu povo, tal como percebemos pela nuvem que, em Ex 13, 21-22, conduzia os hebreus rumo à terra prometida durante os quarenta anos no deserto, ou pelo maná derramando em benefício dos seus, que alimentava o povo para seguir na caminhada. Percebemos nesta ação divina do maná, a presença de Deus que o sustentava o povo escolhido todo os dias até que entrasse na promessa de Deus, ou seja, na terra onde corre leite e mel, na liberdade e vida nova que Deus mostrara ao seu povo resgatado no Egito.

A ação divina em favor da pessoa humana é o que podemos chamar de movimento Kénótico ou *Kénosis* de Deus, conforme apresenta o texto abaixo.

Na Teologia contemporânea, Kénosis “[...] significa a pessoa despojar-se, por amor, do que lhe é próprio, dar-se totalmente para fazer-se um com os outros, para viver o outro, para permitir que o outro se realize e, desse modo, colocar as condições para ser plenamente ele próprio”. (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 115).

Porém, o conceito de Kénosis no Antigo Testamento, não se aplica a Deus, essa palavra grega pode ser traduzida especificamente por exemplo, por esvaziamento, despojamento ou conforme o dicionário grego do Novo Testamento traduz do seguinte modo, essa palavra: vazio, vão, inútil, estéril, sem fundamento.” Contudo, a concepção Kenótica pode ser entendida aqui como

esse movimento de doação ou entrega do amor de Deus a toda humanidade. O Deus que criou todas as coisas se entrega, porém, não como alguém que precisa ou é dependente das coisas criadas por ele, mas como aquele que se movimenta manifestando na vida humana a libertação e salvação da própria humanidade.

O conceito de Kénosis de Deus também, pode ser assimilada, num olhar prefigurativo dos personagens comentados neste primeiro capítulo, isto é, deve ser compreendida a Kénosis no Antigo Testamento como esse movimento de aproximação de Deus e a humanidade, num processo de redenção, conduzindo a pessoa humana a face Deus. Mas, é somente a partir dessa doação de Deus que se entrega por primeiro à essa relação de encontro, resgate, libertação e salvação do ser humano que tanto preciso da presença de Deus em sua vida, assim, dirá o texto a abaixo sobre relação de Deus e o ser humano criado a sua Imagem e semelhança.

É um Deus próximo, que criou o homem à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26), que se revela e chama os que quer (Gn 3-50; Ex 3,13-15), que constituiu um povo para si e fez Aliança com ele (cf. Gn 12,1-3; Ex 19-20), que ouve o seu clamor (cf. Ex 2,23-25) e está sempre disposto a “descer” para estar em seu meio (cf. Ex 19,18), para acompanhá-lo, para guiá-lo à sua Terra (cf. Js 1-11), para combater por ele e vingar o seu sangue (cf. Js 10,14; 1Sm 11.17). Um Deus que suscita seus servos, os profetas, para chamar à conversão e anunciar a salvação vindoura (cf. Is 2.7.9.11.28; Mq 5,1-3; Zc 9,9s). Um Deus ciumento (cf. Js 24,19), que também corrige o seu povo quando é preciso (cf. 2Rs 17.24-25). É um esposo que perdoo a infidelidade da mulher (cf. Os 3,1-5). É um Pai que se “abaixa” à estatura do filho para falar-lhe, que o toma pela mão para ensinar-lhe a andar, que o leva para casa, que o defende, que o alimenta e educa (cf. Os 11,1-4). É o Deus conosco, que se compromete, salva, liberta e ama, porque é fiel, compassivo e misericordioso (cf. Os 6,6) (TEIXEIRA, 2020, p. 12).

Portanto, o Deus misericórdia e amor é atuante na vida do próprio ser humano, fazendo-o experimentar, por sua graça e bondade, a verdadeira liberdade e o sentido da vida, ao revelar o seu projeto que salva e liberta. Além disso, ele mesmo, através de seus servos, conduz e ensina todo o seu povo a permanecer firme, sendo fiel à sua aliança de amor, na qual estabelece para si um povo, segundo os seus desígnios. É um Deus que se doa em favor do seu povo.

CAPÍTULO 2

A Kénosis de Deus no Novo Testamento

Neste segundo capítulo, analisaremos o conceito de Kénosis de Jesus, em algumas narrativas do Novo Testamento. O *logos* de Deus se encarna para habitar em meio aos homens, assemelhando-se em tudo exceto o pecado e assumindo, assim, a natureza humana. Concebida como um movimento de auto esvaziamento, despojamento ou abaixamento de Deus que se direciona ao ser humano para dele se fazer próximo ou fazer-se comunhão, a kénosis de Jesus eleva a humanidade a estar na presença de Deus, ao que podemos chamar de união completa ou definitiva com Deus.

Todavia, esta ação de Deus no Novo Testamento é aplicado ao Verbo encanado na pessoa de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. Por isso, o termo kénosis pressupõe sempre uma identidade pessoal própria do discípulo, que se dá livremente em favor dos demais indivíduos, por consequência do amor que tem pelo outro, levando o indivíduo a se dispor, de forma livre, a entregar-se sem reservas ao outro. Tal como Jesus Cristo faz em sua missão para a comunhão e a salvação de todos, o movimento do esvaziamento do *logos* de Deus deve gerar fruto na vida do ser humano, uma vivência maior da dignidade humana sem perder seu valor e uma identificação com o outro modo espontâneo, inteiramente livre e sem reservas. Nesse sentido,

Queremos levantar pistas para a melhor compreensão do conteúdo que se seguirá nas diversas páginas abaixo. O conceito de kénosis, sabemos, é fundamental para a fé cristã, porque dele consiste à economia da salvação. Na verdade, a kénosis é economia. Além disso, através do conceito de kénosis chegamos ao ser profundo de Deus, sua essência, que se autocomunica, se doa, por amor à sua criação. Por ser simplesmente amor se esvazia para gerar, para criar e para salvar comunicando seu amor que faz de nossa história sua história (SAMPAIO, 2017, p. 53).

Contudo, com a descida do Filho de Deus, o Verbo encarnado, dá-se o primeiro abaixamento ou, poderíamos dizer, rebaixamento de Deus. Nesse sentido, se a encarnação é o primeiro ponto do movimento Kenótico, o segundo aspecto é sem dúvida o seu rebaixamento, que se dá na cruz, assumindo sobre si todo fardo e pecado da humanidade. Assim, é na ação da kénosis de Deus que acontece o seu abandono total e esvaziamento de seus atributos divino. Fazendo-se servo com os seus servos, ele retém a glória divina, isto é, o ser

igual a Deus, para se assemelhar à natureza humana, mas sem perder a sua natureza divina, pois não deixa de ser Deus.

2.1. A kénosis de Jesus

No início do prólogo de São João, é apresentada a grande autorrevelação do Verbo encarnado (Jo 1,1-18). Neste relato da encarnação, o autor evidencia que, no princípio, o Verbo era Deus, tudo advém por meio dele e se encaminha para ele, isto é, sem o Verbo nada pode existir, pois ele é princípio da vida e, sendo ele a fonte de vida, dá vida a toda a criação e a sustenta segundo a sua vontade. O Verbo encarnado se torna para os homens, criados à sua imagem e semelhança, luz que brilha em meio as trevas e que a dissipa, sendo luz que a todos ilumina (cf. Is 9,1; Jo 1,4-5). Faz, assim, a humanidade enxergar a sua divina claridade, ou seja, permite-a ver além do que é natural: a sua divina face, o que está velado aos olhos e é posto às claras, desvelando e comunicando quem ele é e o que espera de cada um de seus filhos.

Deus se fez homem para que cada um pudesse se tornar filho de Deus e, assim, ter parte na herança destinada aos eleitos de Deus, que sobem para junto de si. Isso tudo por causa da entrega do Filho ao se encarnar e tornar-se homem. Desse modo, o Logos de Deus se faz carne e torna visível aos olhos do ser humano sua imagem, conforme afirma Irineu de Lião:

A verdade de tudo isso apareceu quando o Verbo de Deus se fez homem, tornando a si mesmo semelhante ao homem e o homem semelhante a si, para que o homem, por essa semelhança com o Filho, se tornasse precioso aos olhos do Pai". Em tempos passados já se dizia que o homem era feito à imagem de Deus, porém não aprecia, porque o Verbo, à imagem do qual o homem fora criado, era invisível (IRINEU DE LIÃO, 2013, p. 561).

O Verbo que estava com Deus e era Deus mesmo se fez carne para habitar em meio aos homens, revelando, assim, a sua glória que tem junto do Pai, sendo ele o Filho único de Deus (Rm 8,17). Porém, em Cristo "somos filhos de Deus" e, portanto, "herdeiros de Deus e co-herdeiro de Cristo". Deus envia seu Filho Jesus em favor da humanidade, isto é, para resgatar o que foi perdido por causa do pecado que cometeram os primeiros pais no Jardim do Éden. Deus oferece, ou melhor, estabelece uma oportunidade para o ser humano voltar para

seu jardim, lugar onde Deus passeia ao entardecer e onde se manifesta ao homem.

Por conseguinte, Deus desce das alturas celestes e vem para elevar a pessoa humana, tirando-a dessa triste condição que sua criação se sujeitou, por consequência do pecado cometido no paraíso. Nesse lugar, o ser humano vivia em comunhão com Deus, sob sua proteção, seu cuidado, tendo diante de seus olhos o véu da divindade, que o impedia de ver a Deus face a face. De acordo com Müller:

A afirmação de envio, que inclui a encarnação do Filho de Deus, não constitui o próprio evento da salvação, mas constitui sua premissa: "...enviando Deus seu próprio Filho na condição da nossa carne de pecado (como propiciação) por (pelo) pecado, ele condenou o pecado na carne". Por isso, deve-se questionar o acerto de uma interpretação que afirma: "A fim de redimir o ser humano, que é pecador, Cristo tornou-se ser humano, a saber, sujeito ao poder do pecado como qualquer ser humano" (MÜLLER, 2004, p. 15).

No entanto, este grande ato de descida que se encontra expresso no hino cristológico da Carta aos Filipenses leva a entender que o ato livre parte do próprio Deus, que se despoja de seus atributos divinos ao se fazer homem, tornando-se, desse modo, igual aos homens, exceto no pecado. Isto significa dizer que Deus encarnado se coloca na mesma condição de escravo, de servo, daquele que se sujeita entregando-se nas mãos dos homens, fazendo-se obediente em tudo ao Pai até a morte e morte de cruz. É bom elucidar que, ao se esvaziar-se de sua condição divina, Deus não a perde em nenhum momento do movimento de sua descida, mas permanece o que é: Deus Criador e Redentor de todas as coisas criadas por ele e para ele, como nos ensinam os textos das Sagradas Escrituras. Santo Afonso Maria de Ligório ensinará:

O Filho de Deus, pelo amor que nos tem, deu-se também todos nós: "Amou-nos e se entregou a si mesmo por nós." Fez se homem, vestiu-se de carne, como nós. "O Verbo se fez carne" para nos remir da morte eterna, recuperar-nos a graça divina, o paraíso perdido. Eis aqui um Deus aniquilado! "Esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo tomando a semelhança humana." O Senhor do mundo humilhou-se até tomar a forma de servo. Sujeita-se a todas as misérias que os homens padecem (LIGÓRIO, 1996, p. 15).

Deus, ao esvaziar-se, encontra-se com a miséria do homem, chegando ao fundo, ao extremo, na maior radicalidade do seu grande amor pela sua criação, criada por ele e para ele. Esse ato de descida que pode ser verificado no hino Cristológico, contido no texto da Carta aos Filipenses, explicita a missão

do Filho de Deus ao se inserir na história, passando a experimentar em sua própria carne toda miséria que a humanidade sofreu por consequência do pecado que os homens estão sujeitos.

Porém, Deus favorece sempre um bem maior para os que ele amam, aos que por ele foram escolhidos para viver em comunhão, segundo seu amor pela humanidade. Deus nos justifica e glorifica-nos em seu grande mistério de amor que tem por seus Filhos segundo a Carta aos Romanos.

E nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo o seu desígnio. Porque os que de antemão ele conheceu, esses também predestinou a serem conforme à imagem do seu Filho, a fim de ser ele o primogênito entre muitos irmãos. E os que predestinou, também os chamou; e os que chamou, também os justificou, e os que justificou, também os glorificou (Rm 8,28-30).

Assim como os homens se sujeitaram ao pecado por livre e espontânea vontade, da mesma forma o Verbo de Deus se sujeitou por amor, não ao pecado, mas a um tempo, a ser limitado, à pobreza e ao próprio ser humano que foi criado à sua imagem. Então, o Verbo se coloca dentro de um tempo estabelecido à semelhança do ser humano que é peregrino neste mundo visível e que vive a esperança da realidade eterna.

O Filho de Deus, ao ser enviado pelo Pai, toca a humanidade inteira em sua grande fragilidade, em sua enfermidade e, ao tocar, purifica tudo o que estava em condição de impureza, de pecado. O Filho devolve à humanidade sua dignidade que, até então, perdera por desobediência, por não querer ser a imagem de Deus, mas querer ser igual a Deus, seguindo, assim, seu próprio caminho e tirando seus olhos de Deus, que a sustenta e a mantém. Porém, Deus se a semelha ao ser humano, para que o próprio ser humano possa se assemelhar com seu Deus. Dessa forma, quando assume a semelhança do homem, Deus permanece fiel a sua obra, segundo o relato abaixo:

O amor fiel de Deus persegue incansavelmente a humanidade, ao ponto dele mesmo assumir os traços de sua obra situada no espaço e no tempo. O projeto de Deus para o homem não tomou corpo nas profundezas insondáveis do ser divino, mas na história. Esse projeto tem um rosto humano: Jesus Cristo (SINGLES, 2010, p. 59).

2.2. A *kénosis* dos discípulos

O belíssimo ato de despojamento e verdadeiro abaixamento mostra-se bem evidente no capítulo 13 do Evangelho de São João, quando Jesus, estando na ceia Pascal reunindo com seus discípulos, despe-se de suas vestes e se inclina para lavar os pés dos seus discípulos. Esse ato de tão grande amor revela ao homem que não bastou somente assumir a carne humana, mas que se humilha ao ponto de se colocar na condição de escravo, daquele que serve e se doa, como ensina Fl 2,6-7.

O Filho de Deus toma para si, dentro da realidade humana, a situação dos outros e, assim, enxerga a partir de dentro dessa condição assumida. Dessa condição, cria uma relação que uni-o verdadeiramente ao Pai, mas ao mesmo aos seus irmãos. Esse gesto de Jesus Cristo conduz os apóstolos a entender sua importante missão no plano salvífico de Deus para a humanidade.

O gesto do lava-pés mostra alguns aspectos da *kénosis* de Jesus como Filho do Pai. Ele é o Verbo eterno feito pessoa humana (Jo 1,14). Dentro dessa existência humana sua missão foi o trabalho dos mais humildes como o simbolizam o gesto do lava-pés. É um aspecto social da *kénosis* de Jesus por ele escolher o serviço dos últimos e a partir deste gesto falar do mandamento novo (Jo 13,34). Todavia, não se exclui neste gesto do lava-pés, a *kénosis* de Jesus, não é só uma encenação celebrativa, pois Jesus mostra realmente seu envio da parte do Pai para servir e não para ser servido e sua realização como Deus encarnado está em servir, entregando a vida livre e gratuitamente, como se vê na parábola do Bom Pastor (Jo 10, 14-18) (SILVA, 2010, p. 54).

Esta ação de Jesus de lavar os pés de seus apóstolos é um ato de verdadeira humildade, movimento de declínio de esvaziamento, simbolizando uma total entrega do verbo e, ao mesmo tempo, prefigurando o que aconteceria com Jesus, na sua grande hora, o momento da morte de cruz, ato de amor e obediência de modo extremo, mas que leva Jesus a glorificar o Pai e retornar a ele. Esse projeto salvífico perpassa o caminho doloroso e humilhante da cruz e, depois, o evento da ressurreição, mas também sua ascendência para junto de Deus Pai, retomando para si a sua divina glória. Conforme ensina Teixeira:

O Evangelho segundo João revela que o caminho percorrido pelo Cristo começa no céu (cf. 1,1s) e o leva à terra (cf. 1,11s), até a cruz (cf. 19,17s); e depois vem a elevação do Ressuscitado à sua glória anterior. O prólogo evidencia que o Verbo divino se fez carne (1,14), isto é, se fez homem verdadeiro, com toda a fragilidade, debilidade e

impotência da condição humana. João também vê na cruz de Jesus sua exaltação e glorificação (TEIXEIRA, 2020, p. 13).

O lava-pés designa, então, o sinal de quem soube assumir a sua missão, colocando-se como um servo e tornando-se um sinal que revela todo o mistério da encarnação, visando à criação primeira antes mesmo da queda do homem e da expulsão do paraíso, lugar onde Deus revelava sua face. Aquele que era para ser servido torna-se um servidor de todos, ensinando os seus discípulos, com seu exemplo, a fazerem o mesmo todos os dias até a consumação dos tempos (cf. Mt 28,20).

Jesus Cristo, sendo Deus, se fez pequeno e, estando em torno da mesa, põe-se no meio dos que servem para servi-lhes (cf. Lc 22, 27). Assim, incentiva que cada pessoa, nos serviço aos outros, possa colocar em prática o dom de Deus, sabendo administrar fielmente o dom que cada um recebeu e que vem por graça de Deus em suas diversas formas para o bem de todo o ser humano (cf. 1Pd 4,10).

Com esse gesto de Jesus no lava-pés, começa na vida dos discípulos um processo de esvaziamento para assumir a sua identidade de apóstolos e serem preenchidos do Espírito Santo para, depois, serem enviados aos confins da terra, pregar o evangelho e torna conhecido o nome do Senhor Jesus (cf. Mc 16,15). Este é um ato de amor livre de doação do Cristo, pelo Pai, mas também por amor a nós, para remissão dos nossos pecados e para que o recebêssemos na Palavra encarnada, na Eucaristia (seu Corpo e Sangue), ou seja, nesse grande e precioso mistério oferecido no altar, lugar do sacrifício de Cristo Redentor, conforme nos apresenta o Catecismo da Igreja Católica, no parágrafo 610.

Jesus expressou de modo supremo a oferta livre de si mesmo na refeição que tomou com os Doze Apóstolos “na noite que foi entregue” (1 Cor 11, 23). Na véspera de sua Paixão, quando ainda estava em liberdade, Jesus fez desta Última Ceia com seus apóstolos o memorial de sua oferta voluntária ao Pai pela salvação dos homens: “Isto é o meu corpo que é dado por vós” (Lc 22, 19). “Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mt 26, 28) (CIC, n. 610).

Além disso, Deus desce das alturas celestes, para que o ser humano possa receber uma vida nova, regada pela presença divina, porque Deus vem para libertar os cativos, curar os doentes e os corações feridos, encontrar os que perderam, aproximar os que vivem distante de seu amor verdadeiro, fazer enxergar os vivem como cegos, unir as nações e povos dispersos, anunciar a

boa nova aos pobres, ensinar o caminho da justiça e humildade e fazer-se comunhão com toda sua obra (Is 61,1-3; Sf 2,3; Lc 4,18-19).

O *logos* de Deus, que habita em solo santo, lugar sagrado e acima dos céus, desce e habita junto dos humilhados e desamparados, a fim de dar ânimo, isto é, animar os que se encontram desanimados e dar sentido à vida, aos que perderam trilhando esse caminho de provação (Is 57,15; Am 5,4), pois os que buscam o Senhor encontram nele vida, e vida eterna.

O movimento kenótico de Jesus Cristo é, assim, modelo de vivência para todos os seus discípulos. Assim, a Kénosis é fundamentalmente um modo de vivência e humildade cristã que o ser humano passa a conquistar a partir do caminho de despojamento que vai trilhando. Jesus, o unguindo de Deus, sendo rico, fez-se pobre, com os pobres, a fim de tornar rico os necessitados de sua pobreza (2Cor 8,9). Portanto, o Filho de Deus faz um verdadeiro movimento Kenótico em sua descida a terra, como nos revela o Decreto Conciliar *Ad gentes*:

Assim, o Filho de Deus, pelo caminho duma verdadeira Incarnação, veio para fazer os homens participantes da sua natureza divina e, sendo rico, fez-se por nós necessitado para que nos tornássemos ricos da sua pobreza (13). O Filho do Homem não veio para que o servissem, mas para ser ele a servir e para dar até a sua vida em redenção por muitos, isto é, por todos (14). Os santos Padres constantemente proclamam nada estar remido que não tivesse sido primeiro assumido por Cristo (15). Ora ele assumiu por inteiro a natureza humana tal qual ela existe em nós, pobres e miseráveis, rejeitando dela apenas o pecado (16). De si mesmo disse Cristo, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo (cfr. Jo. 10,36): «O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos pobres, a sarar os contritos de coração, a proclamar a libertação dos cativos e a restituir a vista aos cegos» (Lc. 4,18). E outra vez: «Veio o Filho do Homem para buscar e salvar o que estava perdido» (Lc. 19,10) (AG, n. 22).

No entanto, é no Novo Testamento que encontramos esta ação reveladora do esvaziamento de Deus que impelido por seu amor e misericórdia alcança o ser humano em sua condição frágil e descendo ao encontro dele para levá-lo para perto de si. Portanto, a misericórdia de Deus o implica a “descer” à planície da pobre existência humana, como pode ser verificado em Mt 5-7 (sermão da montanha) ou em Lc 6,17.20-26 (discurso da planície). Deus desce certamente para encontrar pessoas concretas nas suas realidades, como aquelas que podem ser vistas nas ruas das cidades ou aquelas cuja convivência diária é possível, as que fazem parte de nossa peregrinação terrena rumo ao Reino de Deus.

O caminho do abaixamento para a transcendência, percorrido pelos apóstolos e aqueles que querem seguir a Cristo e tornar seu discípulo, é, portanto, o da renúncia (cf. Mc 8,34-35), pois somente aquele que renuncia sua vida, despojando-se de seus atributos, como o Filho de Deus fez, é digno de receber com Cristo à glória que Deus nos oferece. Isso é evidenciado nas narrativas dos evangelhos sinóticos em que Jesus desce do Monte Tabor depois de ser transfigurado, para que oferecesse transfiguração a todos aqueles que o Pai lhe confiou.

Assim, Jesus Cristo faz um movimento de descida para depois subir e, com ele, todos os que lhe foram confiados pelo Pai. Há dois importantes momentos: i) a descida do Monte, para se despojar de seus atributos e sofrer a paixão, morte e ressurreição; ii) o momento de transfigurar e retornar ao Pai. Nesse processo por que passa o ser humano, o homem velho não desaparece, mas se renova e se transfigura no homem novo dotado da graça e do poder de Deus. Tanto a realidade ser humano e a divina em Jesus unem-se em uma nova realidade, conforme evidenciado por Silva:

Agora essas realidades se recolocam na história de Jesus para afirmar não haver separação entre a antiga e a nova realidade. Mas há uma continuidade, sendo o mesmo Deus, entretanto em um novo tempo e tudo foi feito história em Jesus. A realidade é transformada, o velho passa por um processo para ser novo, por isso, os dois personagens representativos do Antigo Testamento e os três discípulos de Jesus, como nova realidade, nova comunidade vendo a glorificação de Jesus e uma antecipação do futuro escatológico. A iniciativa de Pedro tomando a palavra e pedindo permanência lá (Lc 9, 33), demonstra este futuro transformado e antecipado simbolicamente no monte (SILVA, 2010, p. 45)

Os quatro evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João descrevem o movimento kenótico de Deus através da vida do mestre Jesus de Nazaré. O Cristo, Filho de Deus, vem ao mundo, nasce e cresce num âmbito familiar, tem suas necessidades como qualquer ser humano, assume a missão de aproximar o Reino de Deus entre os homens, revela-nos o Pai (cf. Jo 14, 5-11). Isso porque Cristo está inteiramente no Pai, assim como o Pai está todo no Cristo, para que todos sejamos um (Jo 17,20-26). Por consequência de sua missão, é preso, padece na cruz, é morto e, ao terceiro dia, ressuscita e retorna ao Pai.

Assim, compreendemos neste trajeto Cristo, toda uma vivência de Kénosis, um verdadeiro estado Kenótico do Ser de Deus, ou seja, sua vida e missão, exprime um descer e ascender. Portanto, a vida e missão do Filho de

Deus como servo, pois Jesus vem para servir e não ser servido (Mt 20,28; Mc 10,45), torna-o modelo perfeito a ser seguido e vivido por seus apóstolos e discípulos. Em suma, o esvaziamento do Cristo leva o ser humano enxergar além do que ele pode ver e a realizar o que para o próprio homem é impossível.

Assim, o grande sentido da kénosis na vida de todo discípulo de Cristo, assim como foi na vida dos apóstolos, está em saber viver neste mundo de modo pequeno, em estado de kénosis, para se tornar grande diante de Deus que nos chama à sua divina grandeza, pois, ao contrário do mundo, o maior, perante os desígnios de Deus, é aquele que se faz menor e que se coloca à serviço do outro, isto é, o que serve (Lc 22, 24-27).

Jesus proclama que o verdadeiro sentido de grandeza é tornar-se servidor. Assim, quando Jesus fala no serviço, ele toma a humilhação, e ao se colocar na condição mais baixa, se entrega em resgate pela humanidade, a fim de que ela entre na glória do Pai. Cristo é exaltado e honrado não somente quando o adoramos e proclamamos em alta voz que ele é Senhor, mas também a cada vez que seus servos o imitam e evidenciam que assimilaram seu caráter, dando assim bom testemunho de cristãos (SILVA; COLLI, 2017, p. 31)

2.3. O caminho da kénosis segundo a carta aos filipenses

Antes de mostrar o caminho de kénosis evidenciado na Carta aos Filipenses, naquilo que será chamado de “hino da kénosis”, é importante destacar a Carta aos Hebreus. Essa traz a figura do Cristo, como aquele que mesmo sendo superior aos anjos se fez, por um pouco, menor que os anjos (cf. Hb 2, 7-9), se assemelhando aos homens em tudo, exceto o pecado. Jesus é bem maior que os Anjos, Moisés, os Profetas e os Sumos Sacerdotes, sendo ele o sacerdote por excelência. Tudo é posto abaixo de seus pés (Hb 1,1-4; Hb 3,2-3; Ef 1,20-23; Fl 3,21). Pela obediência e graça de Deus, experimenta os sofrimentos e a morte, em favor de toda a humanidade, fazendo com que todos os homens chegassem a perfeição e a glória de Deus.

Na Carta aos Hebreus, também é retratada o Sacerdócio de Cristo, que em meio aos homens se faz próximo, sendo um Deus que olha, senti, suporta as provações, compadece-se da fragilidade humana, age com misericórdia referente a miséria dos homens, perdoa seus pecados e oferece-lhe uma vida plena engajada na vida divina. Assim, pela sua fidelidade e obediência, Jesus caracteriza-se como o grande intercessor e o mediador entre Deus e os homens,

conferindo à humanidade inteira purificação, santificação e salvação. Jesus é um Deus misericordioso e presente, que está sempre junto ao seu povo. Dessa forma,

Sob esse aspecto, sua humilhação ao se tornar ser humano não é mero interlúdio, mas torna-se o papel permanente do Exaltado. Como sumo sacerdote clemente e fiel perante Deus, ele é capaz de expiar os pecados do povo. “Pois tendo ele próprio sofrido a ser provado, está em condições de prestar socorro aos que sofrem a provação” (Hb 2, 17s). O Filho, portanto, de tornar-se ser humano, para que pudesse ser um sumo sacerdote que sofre junto e que advoga em favor dos seus perante Deus (MÜLLER, 2004, p. 35).

O hino cristológico de Fl 2,6-11 (também denominado de “hino da Kénosis”) apresenta a vida de Jesus Cristo como de alguém que se abdicou dos privilégios que tinha como Filho de Deus para adentrar em sua criação, assumindo a forma humana com toda as suas limitações e suas consequências, colocando-se à disposição das leis naturais e a dos homens e exercendo a sua obediência a Deus Pai de modo extremo, que o leva até a morte e morte de cruz, na forma mais humilhante que existia em sua época.

Porém, aquele que existe na forma divina, esvaziou-se para se assemelhar ao ser humano, exceto o pecado, aproximando o divino ao humano, e o ser humano ao que é divino. Por conseguinte, o Apóstolo Paulo utiliza um verbo da língua grega para se referir a esse movimento de descida de Deus na própria história do ser humano, segundo o texto adiante:

Jesus, mesmo sendo Deus, não quis fazer das suas prerrogativas divinas uma posse exclusiva; não quis usar o seu ser Deus, a sua dignidade gloriosa e o seu poder, como instrumento de triunfo e sinal de distância de nós. Ao contrário, "despojou-se a si mesmo" assumindo a miséria e a frágil condição humana Paulo usa, a este propósito, um verbo grego muito expressivo para indicar a *Kénosis*, a descida de Jesus. A forma (*morphé*) divina escondeu-se em Cristo sob a forma humana, ou seja, sob a nossa realidade marcada pelo sofrimento, pela pobreza, pelos nossos limites humanos e pela morte. A partilha radical e verdadeira da nossa natureza, partilha de tudo exceto do pecado, conduziu-o até àquela fronteira que é o sinal da nossa finitude, a morte. Mas tudo isto não foi fruto de um mecanismo obscuro ou de uma fatalidade: foi antes uma sua escolha livre, por adesão generosa ao desígnio salvífico do Pai. E a morte que enfrentou acrescenta Paulo foi a de cruz, a mais humilhante e degradante que se pudesse imaginar (BENTO XVI, 2009, p. 2).

O ponto central da kénosis de Jesus Cristo ou do seu abaixamento se encontra, assim, no hino de Fl 2, 5-11. Esse conhecido hino ou canto cristológico antigo, que o próprio apóstolo Paulo descreve em sua Carta, indica um caminho

de humilhação, de esvaziamento, aniquilação, pobreza, sofrimento, perseguição e de cruz. Esse é o caminho percorrido por Jesus Cristo em sua descida em meio aos homens, assumindo, os mesmo sentimentos e dificuldades do ser humano, como dirá o supracitada hino:

Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz. Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e sob a terra, e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai (Fl 2,5-11).

Todo esse itinerário da vida de Jesus neste mundo, é próprio da pessoa do Cristo, de modo que os que o seguem deve trilhar esse mesmo caminho. Além disso, o caminho kenótico de Jesus consta de dois movimentos: i) o de despojar-se, aniquilando sua condição divina, se abaixando em direção ao homem, chegando, desse modo, ao ponto mais baixo, o extremo de sua descida; e ii) o movimento de subida, exaltando consigo toda a humanidade, resgada por ele, elevando ao ponto mais alto onde Deus habita. Portanto, saindo de sua condição de divina, um nível elevado acima de todas as coisas, Jesus chega ao nível mais baixo e no fim de sua missão volta ao nível de Deus.

Ademais, a forma como apresenta o hino da kénosis revela a missão e a identidade pessoal de Jesus, pois este é reconhecido enquanto homem, como o filho de Maria e José, o filho do carpinteiro (Mt 13,55-56; Mc 6,3). Isso significa que a autenticidade de sua missão abrange os pequenos detalhes e alcança, no mais profundo, a pessoa divina do Cristo, ou seja, ele se despoja até mesmo do título de Filho de Deus enquanto realiza sua missão, estando em sua natureza humana. Ao passo que vai realizando e completando sua missão, vai retomando o título de Filho do Altíssimo, Filho do homem ou Filho de Deus.

Viver sob a regra do esvaziamento é viver o aniquilamento de forma radical, como o ato da obediência da cruz, perdendo, todos os seus direitos, tornando-se vazio, nada, aniquilando-se, conforme ensina José Comblin:

Entre todas as condições humanas, tomou a condição de escravo. Perdeu até o poder de defender-se das acusações injustas e foi condenado à morte. Sofreu a morte mais infame que é a morte de cruz. A condição de crucificado realiza o estado de vazio, nada, aniquilamento. Na cruz Jesus já não é nada: nada de poder, nada de

dignidade, nada de direitos humanos, naturalmente nada de poder divino. Deus ficou sem nada do seu poder divino. Jesus era Deus, mas durante a sua vida humana terrestre, essa divindade ficou escondida (COMBLIN, 1985, p. 41).

Esse movimento kenótico de Jesus, conforme Fl 2,7, tem sua preferência na pessoa humana e sua miséria, mas não na miséria humana em si, mas sim visando ao regaste ou restituindo a dignidade e santidade humana que o ser humano possuía ao ser criado por Deus. Isso significa resgatar o ser humano de sua frágil condição. Logo, esse movimento da kénosis de Deus visa ao reestabelecimento do próprio homem manchado por consequência do pecado original, para levá-lo à santidade oferecida por Deus, sendo Santo em todo seu proceder, como o próprio Senhor é Santo (cf. Lv 19,2.11,45; Mt 5,48; 1Pd 1,15-16). Isso porque o chamado de Deus para o homem é para que seja imitador de sua santidade, buscando, assim, ser perfeito como o Pai celeste é perfeito.

O esvaziamento do Cristo e sua descida a humanidade é fundamental para inspirar toda a pessoa humana a se despojar-se diante de Deus, ainda nesta vida terrena. É precisamente este processo de despojamento que consiste o seguimento de Jesus. Porque este amor de Deus pressupõe a oferta efetiva de si mesmo em seu seguimento, em um grande ato de pobreza e abandono, sendo modelo de vivência humana e de pobreza. Somente os que se fazem pobres segundo os designios de Deus possuirão o Reino dos Céus (cf. Mt 5,1-12; Lc 6,20-23).

Todos os que buscam andar pelos ensinamentos de Jesus, percorrendo seu caminho de pobreza ou serviço, serão esses bem-aventurados do Reino de Deus. É esta a missão dos apóstolos ou discípulos que são chamados a ser configurarem a Cristo, aquele que sendo rico tornou-se pobre. Com Cristo, toda a humanidade desce ou se abaixa em sua pobreza, para com ele e nele, assumir a sua riqueza e o título de filhos de Deus, recebendo, ao final desse processo kenótico, a herança ou coroa que Deus reserva aos que foram provados na fé, aos que trilharam o caminho da justiça e da paz que vem de Deus, aos que esperaram no Senhor e aos que se fizeram semelhante a ele em pobreza, em sua peregrinação terra (cf. 1Cor 9,25; Fl 4,1; 2Tm 4,8; Tg 1,12; 1Pd 5,4;). Esse são os que combateram o bom combate e guardaram a sua fé em Deus (2Tm 4, 7) e que receberão o prêmio da vitória: a vida eterna no Reino de Deus. De acordo com Ferro,

Como caminho especial de salvação a pobreza tem seu fundamento na própria pessoa de Jesus Cristo, pois, ele mesmo se fez pobre e exortou seus discípulos, a serem pobres neste mundo. Quem possui riquezas que podem ser mensuradas pelas medidas humanas pode até ser dono das coisas deste mundo, mas as riquezas do Reino de Deus estão reservadas para aqueles que adquirirem as virtudes necessárias para ingressar nesse Reino, e a pobreza é um meio para essa participação da pobreza de Cristo, que garante ao consagrado ser coerdeiro de Cristo (FERRO, 2016, p. 63)

Portanto, sendo rico, Jesus fez-se como pobre, para que, desse modo, pudesse enriquecer com a sua pobreza a pessoa humana (2Cor 8,9). A pobreza do Cristo torna-se para toda a humanidade a sua riqueza. Isso porque todas as coisas provêm de Deus por graça e fruto de sua bondade e que para ele, um dia, tudo há de retornar, conforme os ensinamentos da Santa Igreja. Assim, a *kénosis* pressupõe, de fato, uma identidade própria, pessoal e autêntica, que leva o indivíduo a se dispor, de forma livre, a entregar-se sem reservas ao outro, unirse por amor uns dos outros em Jesus Cristo.

Esse processo *kenótico* do abaixamento ou esvaziamento de Deus ou do próprio homem que o segue em sua missão parte do coração do divino e, ao tocar o coração do ser humano, que faz a experiência livre do amor e do despojar-se, desperta-o à ação desse Deus rico em sua misericórdia sem limites e em seu amor incondicional. Em geral, a *kénosis* de Jesus Cristo só encontramos seu verdadeiro significado na natureza do homem assumida pelo Filho de Deus, que, ao se encarnar, revela a verdadeira humanidade do *Logos* de Deus.

“De fato, a *kénosis* é uma espoliação voluntária que indica em primeiro lugar a encarnação como querida e realizada pelo Filho em obediência ao desígnio do Pai” (TEIXEIRA, 2020, p. 16). Portanto, a *kénosis* de Deus inicia seu processo *kenótico* desde o Antigo Testamento na criação de sua obra em geral, percorre toda a trajetória salvífica e libertadora da humanidade e se plenifica ou se completa no Novo Testamento, propriamente na descida do Verbo encarnado, tornando-se o ser divino, em um Deus totalmente humano.

2.4. Considerações finais ao segundo capítulo

Os textos das Sagradas Escrituras mostram esse caminho que Deus faz ao longo da história, caminho de inclinação, descida, que vai em direção ao povo

necessitado de sua presença e misericórdia. Com isso, é possível perceber que Deus, em nenhum momento, afasta-se de sua criação, por mais que esta esteja em condição de grande fragilidade e miséria consumida pelo pecado.

Isto faz considerar que, quanto mais o homem precisa de seu criador, mais Deus se faz presente diante dele, fortalecendo, assim, sua relação de amor, sua comunhão e agindo em favor do povo que clama por libertação, por salvação, para ser resgatado das mãos dos inimigos, do mal ou de até de si mesmo.

A ideia de um Deus que se entrega sem reservas à sua criação revela também a máxima de seu amor, que passa pelo esvaziamento do Ser de Deus e alcança a condição humana, para que a graça de Deus transfigure e forme o ser humano à sua imagem e semelhança (Gn 1,26) e, assim, o ser humano possa se aproximar, conhecer e amar Deus de todo o seu coração. A *kénosis* expressa justamente essa atitude de despojar ou se esvaziar por amor, que sai do Ser de Deus e chega ao ser do homem modelado à sua imagem, conforme ensina Teixeira:

Em segundo lugar, vê-se na *kénosis* a manifestação máxima do amor de Deus à sua criatura. A *kénosis* não só afeta Deus, como é a revelação do mais íntimo do Seu ser como amor (TEIXEIRA, 2020, p. 33).

Por isso, o Teólogo Bulgakov explicita que Deus é absoluto, mas não nos moldes filosóficos, fechado em si mesmo, mas no sentido de que está sempre em comunicação ou em relação com toda sua criação, pois ele não pode ser compreendido de outra forma senão por essa união com toda a criação e, desse modo, dá também a conhecer quem ele é, no modo como interage com o ser humano criado à sua imagem e semelhança.

Deus não exclui o homem, mas o ampara em seu amor para benefício da própria humanidade e, ao trazê-lo para perto de si, quebra justamente todas as fronteiras que o separam do seu amor incondicional, conforme relata Bulgakov:

A fronteira entre o Criador e a Criação deve ser inabalavelmente mantida, mas a presença dessa fronteira não remove a relação ou o vínculo entre Deus e o mundo, sem os quais não há plenitude da vida divina. O mundo não pode cruzar o abismo entre o Criador e a Criação, mas o próprio Deus pode fazê-lo. Se Deus estivesse sem o mundo, permanecendo em si mesmo, Ele seria aquele Absoluto que não existiria para nada fora Dele (na ausência deste "fora") e, conseqüentemente, não existiria de forma alguma, pois existir significa ser para um outro. Mas Deus não é o Absoluto - esta é apenas sua

primeira posição. Ele é Deus, ou seja, o Absoluto existente para o outro, vá e diga pelo mundo (BULGAKOV, 1990, p. 176).

Neste sentido, o movimento de Deus é para que ele mesmo possa adentrar na vida e, de modo profundo, no coração do ser humano, existindo nele, para fazer com que toda a humanidade também possa habitar e existir no Ser de Deus. Isso porque, desde a criação, o ser humano é chamado para estar em Deus, com ele viver e unir-se plenamente àquele que criou todas as coisas. Essa união começa, justamente, com o movimento de descida de Deus em meios aos homens.

CAPÍTULO 3

A kénosis de Deus no sofrimento humano, nos Tempos atuais

Já percorremos no primeiro e segundo capítulo deste trabalho, o movimento kenótico de Deus que desce ao encontro de toda a humanidade tanto no Antigo como também no Novo Testamento. Quando falamos sobre a “kénosis”, conceito muito utilizado nos tempos atuais pela teologia, referimo-nos quase sempre ao Verbo encarnado, isto é, a Jesus o Cristo, o Filho de Deus que veio a este mundo.

Jesus ensinou esse movimento aos seus discípulos, ou seja, a encontrar Deus que se fez pobre, que se abaixou as profundezas do coração do homem, para nele habitar, fazer morada, percebê-lo na simplicidade das coisas, nos gestos de acolhida, no se colocar a serviço do outro e, de modo especial, em cada ser humano. Portanto, Deus quer se fazer presente nos lugares ou na vida de toda pessoa que se fecha, que se distancia, desses que precisam se aproximar de Deus e nele viver e permanecer.

Cristo se faz próximo, dessa forma, na vida daqueles que mais precisam dele. Isso porque Deus mesmo abraça, por meio de seu Filho Jesus, todo o sofrimento humano neste mundo. Ele toma para si as nossas dores, enfermidades, os nossos pecados e sofrimentos (Is 53, 1-12). Sobre isso dirá a *Salvifici doloris*, no n. 16:

De qualquer modo, Cristo aproximou-se do mundo do sofrimento humano, sobretudo pelo fato de ter ele próprio assumido sobre si este sofrimento. Durante a sua atividade pública, ele experimentou não só o cansaço, a falta de uma casa, a incompreensão mesmo da parte dos que viviam mais perto dele, mas também e acima de tudo foi cada vez mais acantado por um círculo hermético de hostilidade, ao mesmo tempo em que se iam tornando cada dia mais manifestos os preparativos para o eliminar do mundo dos vivos. (JOÃO PAULO II, 2009, p. 28)

Por conseguinte, todo o processo Kenótico de Deus, que vem ao mundo, se encarna, nasce numa manjedoura, se faz pequeno, servo, humilde, se doa em sua missão, é preso, é condenado injustamente, se entrega numa cruz por amor, é feito para resgate e salvação do mundo inteiro e para trazer vida a todo ser humano, alegria da vida nova em Deus, e esperança da vida eterna. Foi justamente, a isso, para trazer à humanidade, afastada ou sofrida, por

consequência de seus, erros, pecados, injustiças e más escolhas, que Deus desce do céus e vem ao nosso encontro.

3.1. A kénosis e o sofrimento humano pela via da cruz

Com a cruz, que foi um grande ato de violência, humilhação, dor e muito sofrimento para o Filho de Deus que morreu assumindo os pecados do mundo inteiro, o Cordeiro de Deus imolado nos ensinou a enxergar a beleza da cruz. Nela, Deus age com misericórdia, dando uma nova oportunidade, um novo recomeço, recriando toda sua obra de criação. Isso porque é na ótica da cruz que Jesus dá essa compreensão àqueles que sofrem e se angustiam, mas por salvação e libertação de seus pecados e dos sofrimentos humano.

Todas as angústias humana do Antigo e do Novo Testamento são potencializadas na cruz do Filho de Deus, resumidas e assumidas ao infinito, justamente porque aquele que assume a natureza humana e sofre na cruz é o próprio Senhor dos céus e da terra, isto é, Deus mesmo que toma para si as dores e angústias. Sobre o sofrimento, explicita Von Balthasar:

Porém, todas estas angústias que pairam em volta da figura do encarnado, são absorvidas e perdem todo o relevo na angústia do próprio Redentor: está aqui a única, mas substancial e revolucionária diferença entre a angústia da Antiga e da Nova Aliança. O cúmulo da angústia tem-se, na Antiga Aliança, com Jó: o irromper da treva no reino finito da luz da fé. Esta transgressão da velha ordem podia ser usada unicamente para pressignificar a cruz, a angústia do próprio Deus. Deus não podia tornar-se homem senão conhecendo a angústia humana e assumindo-a: “Pois que os filhos (de Deus) têm em comum a carne e o sangue, também Ele participou nestas coisas, para reduzir à impotência, pela sua morte, aquele que tem o império da morte, isto é, o diabo, e para libertar todos aqueles que durante a vida inteira estavam reduzidos à escravidão pelo medo da morte... Teve de se tornar, por conseguinte, em tudo igual aos seus irmãos... porque tendo Ele mesmo sofrido a provação, é apto para vir em auxílio dos que são provados” (Hb 2:14-18). “Ele foi provado em tudo de igual maneira, menos no pecado” (Hb 4:15) (BALTHASAR, 2000, p. 37).

Todavia, é na cruz do Cristo que habita todos os sofredores, os inocentes, os que, de algum modo, foram crucificados pelas dificuldades da vida, pelos desânimos, tristezas, os que perderam as esperanças, enfim aqueles que sofrem por diversos fatores e circunstâncias. Encontramos todos essa humanidade sofredora – homens, mulheres, crianças, jovens e idosos, raças e nações –

pregada junta de Jesus na cruz, para juntos realizarem esse movimento da kénosis e o seu ascender aos céus.

Entretanto, o movimento Kenótico de Jesus na cruz não só se refere ao sofrimento humano e ao seu próprio sofrimento, mas visa, sem sombra de dúvida, a um alegrar-se (Cl 1,24), um converter-se, ou seja, converter esse instrumento de sofrimento, tortura e dor, em um elemento de esperança e motivação. Isso porque tanto a humanidade como Jesus não sofre somente por sofrer, pelo sofrimento em si, mas por um movimento que se direciona ao outro, para, no tempo oportuno, com o outro, se alegrar em Jesus, o Deus encarnado, presente entre os homens. Assim, relata Eugênio Pacelli Aguiar analisando a teologia de Jürgen Moltmann:

A dimensão da teologia da cruz, em Moltmann, não se reduz unicamente a uma teologia da cruz e da dor propriamente ditas, embora nela resida a chave de interpretação do grande mistério do sofrimento, mas a uma “teologia do Crucificado,” que reverberou nos “crucificados do mundo atual.” A mística cristã viu nos sofrimentos uma forma de comunhão com o Cristo abandonado. O Deus dos pobres sempre foi o Cristo sofrido, pobre e sem defesa. Nele se buscavam alívio e consolo para os males dessas pessoas. Todos percebem, nos sofrimentos do Cristo, seus sofrimentos (AGUIAR, 2019, p. 152).

Porém, a participação na cruz do Cristo implica morrer com ele, mergulhar na morte de Jesus, para com ele ressurgir (Rm 6, 3-4), ressuscitar e se transfigurar no que Deus planejou para sua criação. Assim, o cristão olha para a cruz como lugar de salvação, da kénosis, ou seja, de descida para se encontrar com as misérias e delas oferecê-las em sacrifício a Deus. O ser humano passa a se encontrar e se reconhecer na pessoa de Jesus pobre e sofredor, no Cristo crucificado que anunciamos. Como apresenta o apóstolo São Paulo em sua carta (1Cor 1,23-25), o que é loucura para este mundo, é beleza, sabedoria, graça e poder de Deus para os que estão em Jesus Cristo,

Todavia, o sofrimento desse mundo é um fator que engloba todas as pessoas em algum momento desta vida, é uma realidade universal que a todos alcança, sem distinção, toca o mundo inteiro. sobre isso, o apóstolo São Paulo relata na Carta aos Romanos:

De fato, a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu – na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas

também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo (Rm 8, 20-23).

Aqui está o verdadeiro sentido Kenótico da cruz do Cristo: o resgate ou salvação da humanidade. Porque a revelação do amor de Jesus assumindo na cruz os sofrimentos, indica, segundo o evangelista São João, que é a partir da cruz que acontece a grande Páscoa do Verbo de Deus, mas também a de todos que se colocarem com ele neste esvaziamento ou abaixamento, para que, desse modo, possam com Jesus ser sepultado e com ele elevado as alturas celestes.

O inclinar-se de Deus implica passar no que é mais obscuro do coração do homem, nas trevas da humanidade ou nos lugares onde brotam os diversos sofrimentos, tais como: os seus medos, fracassos, contrariedades, amarguras, incômodos e os descontentamento. Portanto, a luz de Deus brilha em meio as trevas, para iluminar nossos corações feridos, trazendo o ser humano das trevas para a sua luz e fazendo reluzir sobre ele todo o conhecimento, sabedoria e a glória de Deus que resplandece, justamente, na face de Jesus Cristo, Nosso Senhor (2Cor 4,6). Assim, o homem é luz que irradia no mundo, pois nele está a luz de Cristo, como discorre o texto abaixo, extraído do Ofício das leituras do dia da memória de São Barnabé, apóstolo:

Com razão diz também São João numa epístola sua: *Deus é luz* (1Jo 1, 5); e quem permanece em Deus está na luz. Portanto, uma vez que temos a felicidade de estar libertos das trevas do erro, devemos caminhar sempre na luz, como filhos da luz. A esse propósito, diz ainda o Apóstolo: vós brilhaís como astros no universo. Conservai com firmeza a palavra da vida (Fl 1, 15-16). Se não procedermos assim, ocultaremos e obscureceremos com o véu da nossa infidelidade, para prejuízo tanto nosso como dos outros, uma luz tão útil e necessária. (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000, p. 1629-1630, v. 2)

Deus alcança, em Jesus, os sofrimentos e males da vida dos homens, levando-os a atravessar à outra margem ou aos desertos, para chegarem ao coração de Deus, ao local santo, à terra que o Senhor preparou (cf. Ex 20,1-2; Dt 5,6). Esse movimento Deus fez com seu povo para libertá-los e dar nova vida, ou o próprio Espírito Santo o fez conduzindo Jesus ao deserto, logo após o seu batismo, para passar e não permanecer no deserto (Mt 3,13-17; 4,1,2; Mc 1,9-11; 12,13; Lc 3,21-22; 4,1-2). Essa ação kenótica leva Jesus a cumprir, com esmero, a sua árdua missão, transformando as dificuldades e os sofrimentos em

amor. Deus torna-se solidário para com os sofredores e por eles se entrega na cruz. Em concordância com isso, discorrerá o texto abaixo:

Na cruz, Jesus se faz solidário com o sofrimento de todos os sofredores da terra. O Pai também se manifesta solidário com este sofrimento, uma vez que seu sofrimento corresponde ao sofrimento do Filho, pois “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único” (cf. Jo 3,16). Na cruz de Jesus, o Pai também sofre e o faz de modo ativo. Ele une-se na cruz do seu Filho à dor humana, assumindo em si o sofrimento. (MACHADO, 2015, p. 34)

Assim, pela obediência e amor, Jesus se abona inteiramente ao Pai em sua missão salvífica, suportando, em seu próprio corpo humano e em seu Ser, toda a dor, sofrimentos, flagelações e a grande humilhação da morte, e morte de cruz. Desse modo, passa pelas diversas provações humanas, em sua missão de salvação do ser humano, tonando-se o único e verdadeiro mediador, que intercede e roga junto de Deus Pai, em favor da humanidade inteira, que atravessa, em muitos momentos de sua peregrinação terrena, os sofrimentos que surgem ao longo da vida. Jesus é o grande modelo para se viver uma verdadeira experiência kenótica.

Além disso, mesmo sabendo que a realidade do sofrimento abrange diversos âmbitos, porque toca de muitas formas o ser humano, em suas misérias, pobreza, cultura e as demais dimensões religiosas do mundo, é somente pela graça da fé em Deus que os cristãos podem considerar e compreender o sofrimento como um grande privilégio e neles se alegrarem.

Isso se dá pelo fato de os cristãos poderem aderir os seus sofrimentos aos sofrimentos do Cristo, daquele que transforma os sofrimentos em amor e doação, pois sofrer supõe para aqueles que têm fé uma adesão ao Filho de Deus, ao Verbo Encarnado, ou seja, a se assemelhar à vida que o próprio Jesus levou neste mundo e que parte do Ser de Deus, de seu íntimo e se encontra com o ser do homem, adentrando-o em seu coração no seu íntimo.

Em Jesus Cristo, o sofrimento é transformado em esperança desde dentro, a última palavra não pode ser a kénosis e o sofrimento, mas a exaltação e a transfiguração. Então falar de um Deus-Kenótico, que livremente escolhe participar da história dos homens, fazendo-se pobre com os pobres, solidário com os injustiçados e com os que sofrem, desfigurado com os desfigurados, sem fisionomia nem de Deus e nem de homem, assumindo desde dentro os dramas e as tramas da vida humana, só é possível apofaticamente (XAVIER, 2007, p. 61).

3.2. O sofrimento humano e a Kénosis

Convida-nos a refletir as palavras de São Paulo relatada na Carta aos Colossenses: “*agora regozijo-me nos meus sofrimentos por vós, e completo o que falta as tribulações de Cristo em minha carne pelo seu Corpo, que é a Igreja*” (Cl 1,24). O apóstolo dos gentios se refere em sua mensagem ao valor salvífico dos sofrimentos, que, sem dúvida, perpassa pela via da kénosis, recebendo, em sua natureza humana, as contrariedades da vida e olhando para o único e perfeito modelo a ser seguido, isto é, o Filho de Deus encarnado.

Assim, as palavras do grande missionário e apóstolo São Paulo com relação aos sofrimentos, vão ao longo da história do homem se concretizando em sua vida, de modo que os sofrimentos que aparecem, e quando estão configurados em Cristo ou iluminados por sua Palavra, tornam-se, para o ser humano, um meio ou canal, em que Deus, que permite os sofrimentos, utiliza-se para chegar e fazer-se presente naqueles que sofrem.

Isso ocorre justamente pelo fato de Deus permitir, na história humana, os sofrimentos e assim, fazê-los adentrar na perspectiva salvífica do projeto de Deus para o próprio homem, pois Deus tira de todo o mal que o ser humano pode se encontrar um bem para salvá-lo e elevá-lo para junto de si. Assim, sobre os sofrimentos diversos do homem e sua configuração nos sofrimentos do Cristo, relatará a *Salvifici doloris*, no n. 20:

São Paulo fala dos diversos sofrimentos e, em particular, aqueles de que os primeiros cristãos se tornavam participantes “por causa de Jesus”. Estes sofrimentos permitem aos destinatários desta Carta participar da obra da Redenção, realizada mediante os sofrimentos e a morte do Redentor (JOÃO PAULO, 2009, p. 39).

Entretanto, isso não significa dizer que, para o ser humano ganhar a salvação, ele necessariamente precisa sofrer, passa pelo sofrimento. Não é desse modo que é orquestrado ou que se realiza o projeto de Deus para os homens. Ao contrário, conforme foi explicitado acima, Deus pode se utilizar do mal que a humanidade perpassa para resgatá-la de seus sofrimentos, dando-lhe, dessa forma, uma vida nova e plena, na qual Deus se faz próximo, permanecendo junto do homem, que sempre necessita do auxílio de Deus para ser plenamente livre de suas más escolhas, erros, pecados e não venha a se corromper em algum momento, enquanto peregrinos neste mundo em direção

ao Reino definitivo, a morada de Deus, que é também nossa em virtude do chamado que ele faz à toda a humanidade, criada por ele, para ser participante da vida divina.

Portanto, considerar que completo e alegro-me, em minha própria carne, com os sofrimentos que falta em Cristo não significar dizer que: Jesus Cristo não sofreu o suficiente e que não cumpriu sua missão. Na verdade, o Filho de Deus, além de completar o que estava nas escrituras, a fim de que tudo fosse consumado, assume as fragilidades do homem e todo o sofrimento, angústia e anseios da humanidade, ferida por causa de sua desobediência e pecado, quando ainda vivia no Jardim do Éden. Ao assumir os sofrimentos humanos, Jesus também os diviniza, dando um sentido novo, conforme relata Adolphe Tanquerey:

Assim, o sofrimento, que parece ser um mal, tonar-se um bem na ordem moral, uma reparação e um preventivo contra novas transgressões. Essa ideia se torna mais clara com o grande mistério da Redenção. Para reparar a ofensa infinita cometida contra Deus por nossos primeiros pais e por sua posteridade, o Filho de Deus consente em fazer-se homem, em torna-se o representante da humanidade culpada, em assumir sobre si o peso de nossas iniquidades, em expiá-las por trinta e três anos de sofrimentos e, sobretudo, pela imolação do calvário. Assim, o sofrimento é reabilitado, enobrecido e divinizado. Já não é mais somente um castigo, mas um ato de obediência aceito voluntária e generosamente por amor, um ato que, na pessoa de Jesus Cristo, tem um valor infinito. Por ele, Jesus glorifica a Deus muito mais do que o pecado o havia ofendido, e coloca o homem, sob vários pontos de vista, em um estado superior ao de Adão inocente (TANQUEREY, 2014, p. 9).

Sendo assim, o sofrer, o alegrar-se e completa-se, como nos diz o apóstolo dos gentios, é, de fato, seguir o Cristo independente das tribulações que surgem ao longo do caminho, é viver como o próprio Jesus que se doou por amor e obediência ao Pai. Desse modo, somos chamados a ser verdadeiros discípulos, mensageiros da boa nova que tem seu fundamento e sentido profundo na pessoa de Jesus Cristo, humano e divino. Logo, aqueles que vivem a experiência do sofrimento e sabem sofrer depositando-se nas mãos de Deus e confiando em sua misericórdia infinita e seu grande amor pelo mundo inteiro, identificam-se com Cristo.

Com razão, são muitos os méritos que o ser humano pode obter da parte de Deus, ao suportar com amor e paciência os sofrimentos, as dores, doenças e as muitas tribulações do dia a dia. Recebem de Deus a força e a paz para

suportá-las, pois são esses que, perseguidos por amor a Cristo e ao Evangelho, estão prontos para ser com Cristo glorificados (Rm 8,17; Fl 1,29-30; 2Tm 3,12), ser colocados diante de seu Senhor.

Além disso, os sofrimentos presentes podem também ser um tempo na vida do homem de purificação, pois Deus realiza sempre um bem maior em favor dos homens. A sua graça transbordante é derramada naquele que sofre e entrega seus sofrimentos a ele. Por isso, Jesus Cristo eleva todo o sofrimento humano ao grau da Redenção, para fazer que todos cheguem a sua glória e seja participantes de sua Redenção. Conforme a *Salvifici doloris*, n. 24:

O sofrimento de Cristo criou o bem da Redenção do mundo. Este bem é em si mesmo inexaurível e infinito. Ninguém lhe pode acrescentar coisa alguma. Ao mesmo tempo, porém, Cristo, no mistério da Igreja, que é o seu Corpo, em certo sentido abriu o próprio sofrimento redentor a todo o sofrimento humano. Na medida em que o homem se torna participante dos sofrimentos de Cristo – em qualquer parte do mundo e em qualquer momento da história – tanto mais *ele completa, a seu modo*, aquele sofrimento, mediante o qual Cristo operou a Redenção do mundo (JOÃO PAULO II, 2009, p. 47-48).

Por conseguinte, o ser humano tem uma enorme participação no projeto salvífico Deus, justamente porque o Filho de Deus sofreu em favor da humanidade inteira e convida o homem a torna-se participantes dos seus sofrimentos, com a qual ele adentra o ser humano neste caminho de salvação. Jesus mesmo disse aos seus apóstolos que, neste mundo, passariam por diversas tribulações e ainda os incentiva dizendo para terem coragem (cf. Jo 16,33) e não terem medo.

Não obstante, os sofrimentos humanos, contidos nos sofrimentos de Cristo, são perpassados pela graça de Deus, porque Jesus se compadece dos sofrimentos do homem, quando assume, em sua encarnação, essa realidade presente na história do ser humano. Além disso, Deus vem a este mundo por causa dos sofrimentos do ser humano, pois, segundo a narrativa de Ex 3,7-8, Deus escuta os clamores, as aflições do seu povo e vê a opressão em que se encontrava, descendo para ajudá-los e tirando-os dessa triste condição de sofrimento e angústias em que se achavam.

Ao se compadecer, Deus está assumindo essa triste realidade do homem, tomando-o para si os sofrimentos. Logo, Deus está presente no sofrimento da humanidade no decorrer da história do ser humano. Nesta ação de Deus tanto no Antigo Testamento contido no êxodo humano, quanto no Novo Testamento,

em seu grande advento, podemos ver claramente a face de Deus revelado no rosto daqueles que sofrem, dos que padecem por causa dos sofrimentos presente nesta realidade terrena.

Contudo, a ação de Deus ao realizar seu êxodo, fazendo sua Páscoa durante toda a trajetória no deserto, vai indicar o êxodo humano em direção a Deus, que prepara toda a caminhada do seu povo para colocá-lo na terra onde ele mostrará. No Advento de Deus, é ele mesmo que desce e vem ao encontro do ser humano que sofre. A sua kénosis revela que seu grande amor pela humanidade que sofre é bem maior que qualquer tribulações que o ser humano pode vivenciar e que todo sofrimento se dissipa no grande mistério do amor infinito de Deus por todos e por cada um de seus filhos.

O êxodo humano e o advento divino são movimentos bíblicos. O Êxodo recorda a caminhada de libertação do povo do domínio egípcio, até a terra onde corre leite e mel. O Advento é vinda de Deus que se revela ao homem. O êxodo reflete o movimento de sair de uma situação incômoda de escravidão em busca da felicidade. O advento reflete um movimento contrário, mas com o mesmo fim. O ser humano quer libertar-se da dor e do sofrimento para alcançar a felicidade plena. Deus, por sua vez, vai ao encontro do humano para resgatá-lo da situação de escravidão e auxiliá-lo a alcançar a felicidade plena. Bruno Forte utiliza e cita constantemente essas duas imagens para explicar a relação entre humano e divino (VIAN, 2014, p.16).

3.3. A kénosis de Maria

Caminhado para o final deste terceiro capítulo, não poderíamos esquecer de mencionar a Santíssima Virgem Maria, a mãe de Jesus e nossa, a grande advogada e intercessora no céu que está sempre junto ao Filho Jesus. Maria é aquela mulher acolhedora que abraça a grande missão de trazer em seu ventre, o próprio Deus encarnado, o Emanuel, o Deus conosco, Aquele que realiza o projeto de salvação da humanidade. No sim de Maria, começa todo processo de descida do Verbo de Deus, isto é, o movimento Kenótico de Deus em favor da humanidade.

Ao ser preservada do pecado e escolhida para ser aquela que ofereceria ao mundo o Filho de Deus, ela torna-se participante do projeto salvífico de Redenção em favor do mundo inteiro, junto ao seu filho Jesus. Pois, desde sua preservação com relação ao pecado, Deus está com ela, preparando-a, cuidando e protegendo-a em todo seu crescimento: Deus se faz presente em

Maria. Porém, depois do sim dela, começa acontecer um processo de esvaziamento de si de Maria, de modo tão profundo que, a partir desse momento, Maria está junto de Deus e dele jamais se separa. Assim, relatará Adolphe Itanquerey em sua obra:

Sendo mãe do Salvador, ela foi associada à obra redentora de seu Filho, mas de uma forma secundária e dependente da obra principal desse divino Filho. Desde o momento da Encarnação, Deus, que trata com o maior respeito a futura mãe do Verbo, pede seu consentimento para a obra da Encarnação e da Redenção; e é somente depois que a humilde Virgem dá livremente o seu *fiat* que o Verbo se encarna em seu seio virginal e associa sua mãe à obra de nossa salvação (TANQUEREY, 2014, p. 68).

Portanto, meditar a vida de Maria, a mãe de Jesus, é reviver todo o movimento da kénosis do Filho, mas também da mãe. Logo que recebe a mensagem do Arcanjo Gabriel de que foi escolhida para se tornar a mãe do Salvador e a notícia da gravidez de sua prima Izabel já em sua velhice, Maria sai às pressas à casa da prima, para se colocar a serviço de Izabel (cf. Lc 1,26-40). Ela não se torna orgulhosa, mas prefere se abaixar e se colocar a serviço daquela que já estava no sexto mês de sua gravidez.

A santíssima Virgem compreende o projeto de Deus e se associa a essa obra Redentora de salvação. Este belíssimo gesto de humildade e amor, de se dispor a servir sua prima Izabel, é reflexo do gesto do Filho no lava-pés (Jo 13,1-15) – como foi relatado no segundo capítulo deste projeto –, quando o próprio Jesus lava os pés dos seus apóstolos, ensinando-os a fazerem o mesmo. Desse modo, percebemos que a ação kenótica de Maria sempre vai apontar a kénosis de seu filho Jesus.

Assim, a Bem-Aventurada Virgem Maria experimenta em sua vida a kénosis, um esvaziamento de si mesmo, para se preencher toda de Deus, mas também nos preencher todo de Deus, pois, por meio dela, o Verbo se encarna, se faz presente neste mundo. Por isso, nela toda a humanidade passa a acolher em seu meio o Filho de Deus. A kénosis de Maria a leva a se entregar plenamente nas mãos de Deus, a confiar profundamente naquele que pediu tudo a ela, ou seja, a sua vida, pois essa grande missão exigiu dela um despojamento total de si. Assim, Maria torna-se modelo de mulher servidora e fiel, que assume sua missão, colocando todas as suas forças na obra de redenção. Segundo a Exortação Apostólica *Signum Magnum*, n. 5:

Nas páginas do Evangelho admiramos os testemunhos de tão sublime harmonia. Maria, logo que obteve a certeza pela voz do Anjo Gabriel que Deus a elegia para Mãe do seu Filho Unigénito, sem qualquer hesitação, deu o seu consentimento para uma obra na qual teria de empregar todas as energias da sua frágil natureza, declarando: «Eis a Serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1,38). Desde esse momento, Ela consagrou-se inteiramente ao serviço, não apenas do Pai celeste e do Verbo Encarnado, tornado seu Filho, mas também de todo o género humano, pois compreendeu bem que Jesus, além de salvar o Seu povo da escravidão do pecado, seria o Rei de um Reino messiânico, universal e eterno (cfr. Mc 1,21; Lc 1,33) (Paulo VI, 1967, p. 4).

Assim como o Filho do homem não tinha lugar para reclinar sua cabeça (Lc 9, 58; Mt 8, 20), Maria não tinha onde apoiar, reclinar, calmar e descansar o seu coração, pois a mãe estava a todo momento junto do Filho, caminhava com ele, fazia esse movimento Kenótico com o próprio Deus. Por isso, a Virgem de Deus é capaz de ter compaixão, de se compadecer de nossas fragilidades, fraquezas e sofrimentos, justamente porque ela mesma os experimenta em sua vida. Ela vive a experiência do calvário com o Filho e é provada em tudo, com a exceção do pecado, da qual ela é privada.

Por conseguinte, também visualizamos em Maria, de modo muito claro, o movimento de kénosis, como pode ser evidenciado nas narrativas da: apresentação de Jesus no Templo onde se encontra o velho Simeão (Lc 2,22-35), perda de Jesus no Templo (Lc 2,41-52) e as Bodas de Caná (Jo 2,1-11). Esse caminho de despojamento é de sacrifício, pois ela suporta tudo em silêncio e guarda em seu coração todos esses acontecimentos, vivendo no seu interior esse movimento Kenótico do amor de Deus, essa entrega total de si, adentrando, portanto, neste mistério de redenção em favor de toda a humanidade. Ela une o seu sacrifício ao sacrifício de seu Filho na cruz, de modo íntimo e profundo, em um mistério de amor e redenção, conforme dirá a Carta Encíclica *Dives in Misericórdia*, n. 9:

Maria é, pois, aquela que, de modo particular e excepcional – como ninguém mais –, experimentou a misericórdia e, também de modo excepcional, tornou possível com o sacrifício do coração a sua participação na revelação da misericórdia divina. Este seu sacrifício está intimamente ligado à cruz do seu Filho, aos pés da qual ela haveria de encontrar-se no Calvário. Tal sacrifício de Maria é uma singular participação na revelação da misericórdia, isto é, da fidelidade absoluta de Deus ao próprio amor, à Aliança que ele quis desde toda a eternidade e que no tempo realizou com o homem, com o seu Povo e com a humanidade. É a participação na revelação que se realizou definitivamente mediante a Cruz. *Ninguém jamais experimentou, como a Mãe do Crucificado, o mistério da Cruz, o impressionante encontro*

da transcendente justiça divina com o amor, o «ósculo» dado pela misericórdia à justiça (Cf. S/85(84),11) Ninguém como Maria acolheu tão profundamente no seu coração tal mistério, no qual se verifica a dimensão verdadeiramente divina da Redenção, que se realizou no Calvário mediante a morte do seu Filho, acompanhada com o sacrifício do seu coração de mãe, com o seu «fiat» definitivo (JOÃO PAULO II, 1980, p. 18-19).

Portanto, Maria está presente em todos os importantes acontecimentos salvífico da história do ser humano. Isso significa que a Virgem Santíssima participa unida ao Filho deste grandioso mistério de Redenção do mundo, quais sejam: o mistério da Encarnação, ela acolhe em seu seio Virginal o Verbo (Jo 1,1-14; Lc 1,31); o mistério Pascal, ela permanece junto a cruz de seu Filho Jesus (Jo 19,25-27); e o mistério de Pentecostes, Maria está junto dos discípulos estavam reunidos em oração no cenáculo (At 1,14).

Maria, ao fazer a vontade de Deus sendo fiel e obediente em tudo, torna-se modelo ou espelho do grande amor misericordioso do Senhor por todas as pessoas da terra. Sendo assim, Maria também está presente no seu Filho, o Verbo em Encarnado. Por isso, na cruz de seu Filho, a mãe se faz presente em pé como aquela que, junto do Filho, sofre as dores da humanidade em seu coração: uma espada de dor, sofrimentos, mas também de amor e misericórdia, é traspassada em seu peito, porque aprendeu amar como o Filho e este com sua mãe.

Basta-nos aplicar esses princípios a Maria e a seus sofrimentos, lembrando, porém, que ela ocupa no corpo místico um lugar de honra. Quando sua mãe era torturada ao ver as grandes humilhações ou os sofrimentos físicos do Salvador, Jesus vinha sofrer nela, e assim conferia um valor incomparável aos seus sofrimentos (TANQUEREY, 2014, p. 100).

Esta ação kenótica do amor de Deus pela humanidade nos foi dado de duas maneiras: pelo sacrifício e doação de Cristo na cruz, derramando todo seu sangue por amor e para nossa salvação; e pelo sacrifício e doação de Maria, na entrega total de sua vida a Deus, em favor do mundo inteiro. Esse grande amor transborda e nos alcança de tal modo que Jesus oferece sua mãe à humanidade na pessoa de João o discípulo amado (Jo 19,25-27), para ser também à nossa mãe, intercessora e advogada. Assim, ela sempre nos aponta o Filho, em nossas dores, sofrimentos e nas alegrias desta vida, para vivemos a comunhão dos Santos e a união com Deus de modo definitivo e para que nossos sofrimentos,

juntos dos de Maria e seu Filho Jesus, possam ser divinizados e elevados ao nível desse misterioso amor de Deus por toda a humanidade.

Em Maria, Deus se faz presente, assim como, em Deus, Maria está toda entregue a ele. Assim, em nossas orações, alegrias e sofrimentos, unimo-nos a Jesus por meio daquela que nos leva ao Filho, porque ela é a grande medianeira entre os homens e Jesus Cristo, a Senhora das dores. Além disso, todos os cristãos são incorporados nesse grande mistério de amor, pois todos são membros desse corpo que é a Igreja, tendo como cabeça, Nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto os sofrimentos, assim, como as orações e intercessões, estão contidos neste processo Kenótico realizado por Maria e Jesus, de modo que tudo está relacionado, isto é, unido, pois o que acontece ao Corpo de Cristo acontece aos membros deste Corpo (Rm 12,4-5; 1Cor 12,12; Ef 4,4). Sobre isso concluirá Adolphe Tanquerey no texto abaixo:

Os sofrimentos de Jesus foram, como dissemos, divinizados em seu sentido próprio, devido à dignidade infinita de sua pessoa. Os sofrimentos de Maria o foram somente por participação, em virtude de sua incorporação a Cristo. Todos os cristãos são membros do corpo místico do qual Jesus é a cabeça. Em virtude dessa união, nossas ações são realizadas sob o comando e com o concurso d'Aquele que é nossa cabeça: quando rezamos, é ele quem reza em nós e conosco, e que dá às nossas orações um valor muito superior ao que têm por si mesma; mais ainda, ele faz suas as nossas orações e as oferece ele mesmo ao Pai; e nós, por sua vez, temos o direito de nos apropriar das orações de Jesus, aquelas que ele faz em nosso nome, e de oferecê-las a Deus como se fosse nossas, pois tudo o que pertence à cabeça também pertence aos membros (TANQUEREY, 2014, p. 100).

Sendo assim, Deus, ao conferir esta grande honra à Virgem Maria de participar do projeto salvífico de Redenção da humanidade, concede esta mesma graça, por meio de Maria e de seu Filho, a todos os cristãos que seguem os passos de Jesus. Por meio do movimento kenótico, somos participantes da obra redentora de Deus em favor do mundo todo. Deus quer nossa participação.

3.4. Considerações finais ao terceiro capítulo

À vista desse trajeto pelo que foram apresentadas as ideias do terceiro capítulo, podemos concluir que o movimento kenótico de Jesus e Maria é também o do ser humano, no qual se vê de modo claro a presença de Deus atuante na vida, tanto dos que passaram por diversas tribulações, sofrimentos e

as contrariedades nos tempos passados, quanto dos que experimentam nos dias atuais. Isso implica a vivência daqueles que buscam colocar suas esperanças e confiança em Jesus Cristo, o Deus feito homem, para com eles caminhar, ensinar e conduzir durante esta peregrinação terrena.

Além disso, percebemos que o movimento da Kénosis de Deus ressoa cada vez mais forte na vida prática dos que seguem ainda hoje o Cristo. Isso se observa em todo esse caminho de sofrimento, tristezas, dores, angústias, mas também de alegrias, paz e esperança, que o ser humano experimenta, enquanto trilha neste mundo, assim, como as suas renúncias, despojamento e seu abandono nas mãos daquele que dá o sentido à vida. Esse caminho é feito tendo, pois, como base, a fé e a confiança em Deus que o sustenta e fortalece todos os dias o ser humano.

Assim, todos os sofrimentos somente têm o seu verdadeiro significado ou sentido senão nesta relação com os sofrimentos do Cristo, pobre e sofredor; e com os de Maria. A Mãe das dores é aquela que faz todo o caminho com seu Filho Jesus, como aquela que assume a missão de aliviar as dores e sofrimentos da humanidade ferida pelo pecado, quando se abre ao chamado de Deus para trazer a esse mundo o Salvador, Redentor e Libertador do ser humano, sendo colaboradora nesta obra da redenção do mundo. Conforme ensina Tanqueray,

Se Jesus e Maria sofreram tanto para nos salvar, é evidente que não podemos conquistar a nossa salvação sem tomar parte em sua paixão: *“Si tamen compatimur ut et conglorificemur”* (Rm 8, 17). Como membros do corpo místico de Jesus Cristo, devemos assemelhar-nos à nossa Cabeça, e, como ela, chegar à glória através do sofrimento. Essa lei nos é lembrada a cada página do Novo Testamento. Sem dúvida, o amor é condição essencial da santidade e a plenitude da lei (TANQUEREY, 2014, p. 103).

Por conseguinte, a kénosis de Deus diviniza também os sofrimentos humanos na pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus, quando este vem sofrer em nós, ou quando sofremos em Deus. Isso porque, quando os nossos sofrimentos estão findados naquele que é cabeça do corpo místico do qual fazemos parte, Cristo eleva os nossos sofrimentos e o diviniza primeiramente em si mesmo, e de modo amplo, ele o diviniza em cada um de seus membros, porque unimo-nos os nossos sofrimentos ao de Cristo.

Em suma, a kénosis de Deus foi e ainda é um aspecto fundamental e relevante para o ser humano, pois é pela ação da kénosis de Deus que primeiro

realiza esse movimento Kenótico em favor de todos, ou seja, onde a humanidade se encontra com um Deus misericordioso e amoroso, que se compadece e tem compaixão dos que sofrem e neles vem sofrer, trazendo para junto de si, de seu amor incondicional o povo que ele mesmo, preparou, ensinou e conduziu ao longo da história.

Portanto, a kénosis é a chave de compreensão e elevação de todo ser humano, pois, pela kénosis, a humanidade primeiro desce se despojando de si completo, para ser elevada à vida divina, isto é, para habitar e viver plenamente e por toda a eternidade em Deus.

CONCLUSÃO

De acordo com esta pesquisa, podemos dizer que a kénosis, isto é o movimento de esvaziamento e despojamento de Deus em favor da humanidade, é algo presente na história do ser humano, em que o divino toca o natural, a realidade humana, para que, estando no meio dela, possa elevá-la à natureza divina e fazê-la adentrar no seio da Santíssima Trindade, um único Deus em três pessoas distintas e que dá a graça ao ser humano de penetrar em seu ser.

Por isso, a kénosis de Deus não é algo do passado que ficou na história dos homens, mas é um movimento ainda bastante presente e atuante no presente e estará presente até a sua segunda volta, para elevar todas as pessoas a si e cumprir o que foi prometido a todos que acolheram a pessoa do Cristo, a sua boa nova. A presença de Deus, seu amor e misericórdia alcança todas as etapas da vida humana, pois o Cristo é movimento que nos leva ao Pai, isto é, ele é o caminho, a verdade e a vida, sem ele padeceríamos em nossos pecados.

Por conseguinte, a kénosis é um modo de viver do Cristo quando se encarnou. Todos os que buscam seguir os seus passos devem fazer o mesmo, trilhando esse caminho de despojamento para se assemelhar a Deus e corresponder a esse amor, que nos toca no mais profundo de nosso ser e nos eleva a viver este amor. Foi percorrido nesta pesquisa o grande processo Kenótico de Deus passando pelo Antigo e o Novo Testamento, nas figuras dos grandes servos de Deus e nas narrativas dos evangelhos, e chegando ao ponto alto da kénosis, qual seja, a Encarnação do Verbo que adentra os fatos da história do homem.

Esse foi um momento crucial para a história de toda a humanidade, sendo mesmo um ato de libertação e salvação do ser humano, que, antes da encarnação, vivia escravizado por consequência do pecado cometido pelos primeiros pais da humanidade. Depois da queda do homem, o ser humano torna-se prisioneiro do pecado, atormentado pelos sofrimentos que surgem e pelas más escolhas que faz ao longo dos tempos. Porém, o Senhor se compadece do seu povo e prepara, ao longo dos tempos, a chegada de seu Filho para a salvação de todos.

A encarnação de Deus feito homem na pessoa de Jesus se dá antes de tudo pelo ato de se esvaziar de sua condição divina para se fazer homem e resgatar a humanidade ferida até, então, pelo pecado. Todavia, podemos notar que ainda hoje Deus sempre está observando e vivenciando em cada pessoa os sofrimentos e realidades difíceis em que se encontra o seu povo. Além disso, a Kénosis de Jesus não ficou no passado, mas se torna sempre atual na história, revelando que Deus continua presente com toda sua criação por amor e nos ensinando que devemos também nos esvaziar para se preencher do divino. Deus entra na história da humanidade, e essa ação de Deus é um ato de esvaziar-se, para entrar na história e ser atuante no meio do povo.

Por fim, a kénosis de Deus consiste na ação desse ser divino em meio aos homens, tornando possível o conhecimento de Deus em sua revelação e mostrando quem ele é, como age para o bem de toda sua criação que ama. Sem a kénosis de Jesus Cristo, nosso Senhor, não seríamos capazes de compreender esse mistério antes escondido no ser de Deus, e que se torna manifesto no seu: abaixamento, despojamento, esvaziamento, ou seja, em sua Kénosis.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Eugênio Pacelli Correia. **Em Jesus, Deus abraça o sofrimento humano**: uma leitura de “O Deus Crucificado” de Jürgen Moltmann. São Paulo: Paulinas; Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

AYOUB, Cristiane. **Iluminação Trinitária em Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2011.

BALTHASAR, Hans Urs von. **O cristão e a angústia**. São Paulo: fonte editorial, 2000

_____. **Maria para hoje**. São Paulo: Paulus, 2016.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini**. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. **Audiência Geral**. Vaticano, 8 de Abril de 2009. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20090408.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2022.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: tradução oficial da CNBB. 4 ed. Brasília: CNBB, 2020.

BLANK, Renold. **Deus e sua criação**: doutrina de Deus, doutrina da criação. São Paulo: Paulus, 2013.

BULGAKOV, Sergej Nikolaevic. **L’agnello di Dio**: il mistero del Verbo Incarnato. Roma, Città Nuova, 1990.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

COMBLIN, José. **Epístola aos Filipenses**. Vozes: Petrópolis, 1985.

CONCÍLIO VATICANO II. **Dei Verbum - Constituição Dogmática sobre a revelação divina**. São Paulo: Paulinas, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto Ad Gentes Sobre a atividade missionária da Igreja**. Vaticano, 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html>. Acesso em: 22 abril 2022.

FERRO, Silvio Diogo. A pobreza como processo kenótico e atitude essencial de misericórdia. **Cadernos da ESTEF**, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 61-73, 2016.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulus, 2013 (Patrística, v. 4).

_____. **Demonstração da pregação apostólica.** São Paulo: Paulus, 2014 (Patrística, v. 33).

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica *Dives in Misericordia*.** Roma, 30 de novembro de 1980. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2022.

_____. **Carta Apostólica “*Salvifici doloris*”.** São Paulo: Paulinas, 2009.

LIGÓRIO, Afonso Maria. **Prática do amor a Jesus Cristo.** Aparecida: Santuário, 1996.

MACHADO, Renato da Silva. **O Evangelho Trinitário para o ser humano hoje: Cristologia e Trindade em Bruno Forte.** 2015. 359 f. Tese (doutorado em Teologia) - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MESTERS, Carlos. **Paraíso terrestre: saudade ou esperança?** Petrópolis: Vozes, 1971.

MÜLLER, Ulrich. **A encarnação do Filho de Deus: concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo.** São Paulo: Loyola, 2004.

Paulo VI, Papa. **Exortação Apostólica *Signum Magnum*.** Roma, 13 de maio de 1967. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19670513_signum-magnum.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2022.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Liturgia das horas segundo o rito romano.** v. II. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas/Paulus/Ave Maria, 2000.

SAMPAIO, Rafael da Silva. **A Kénosis de Jesus como autocomunicação do Pathos de Deus: um estudo da kénosis a partir da teologia de Jüngen Moltmann.** 2017. 159 f. Dissertação (mestrado em Teologia) - Programa de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANNA, Ignazio. Paraíso. In: MANCUSO, Vito (dir.). **Dicionário Teológico Enciclopédico.** São Paulo: Loyola, 2003. p. 569-570.

SANTOS, Eduardo dos; XAVIER, Donizete José. A Descida do Deus Trindade - A Kénosis da Trindade. **Revista de Cultura Teológica,** São Paulo, v. 16, n. 62, p. 11-123, jan/mar 2008.

SILVA, Luiz Vieira da. **Jesus-Servo de Deus, ponto de interseção entre as cristologias descendente e ascendente: um paradigma alternativo de comunhão para o seguimento de Jesus na Cristologia da Libertação**

Latinoamericana na perspectiva de Jon Sobrino. 2010. 296 f. Tese (doutorado em Teologia) - Programa de Pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Marcelo Pereira da; COLLI, Gelci André. Humilhação e Exaltação: anotações exegéticas em Filipenses 2.6-11. **Teologia e Espiritualidade**, Curitiba, vol. 4, n. 07, p. 19-32, Junho/2017.

SINGLES, Donna. **A Glória de Deus é o homem vivo**: a profissão de fé de santo Irineu. São Paulo: Paulus, 2010.

SOARES, Henrique. **A caminho da terra prometida**: um percurso espiritual com o Livro do Êxodo. Lorena: Cléofas, 2020.

TANQUEREY, Adolphe. **A divinização do sofrimento**. São Paulo, Cultor de livros, 2014.

TEIXEIRA, Marcos Vinícius Magalhães. **O mistério da Kénosis do Lógos de Deus**. 2020. 38 f. Graduação (trabalho de conclusão de curso em Teologia) - Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, 2020.

VINCENT, Albert. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1969.

VIAN, Ludinei Marcos. **O silêncio de Deus diante do sofrimento humano na teologia de Bruno Forte**. 2014. 108 f. Dissertação (mestrado em Teologia) - Programa de pós-graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

XAVIER, Donizete José. A kénosis da trindade. **Revista de Cultura teológica**, São Paulo, v. 15, n. 59, p. 43-63, abr./jun. 2007.